

LIRA DOS OITENT'ANOS

Cecilia Cosentino



Apresentado por

Meu Lado Poético 

Dedicatória

Para minha Família

Agradecimentos

A todos os que me ajudaram

Sobre o autor

Maria Cecília Cosentino Franco, nascida aos 16 de maio de 1937, em Piracicaba, SP. Viúva de João José Junqueira Franco, cinco filhos, onze netos. Estudou até 1954 no Instituto de Educação Sud Mennucci, em Piracicaba, SP e formou-se em Matemática pela PUC de Campinas, em 1958. Lecionou e aposentou-se em Olímpia, SP, onde reside.

resumo

A PARTIDA

MASMORRA

EM SILÊNCIO

CURSO NOTURNO

AMOR

VIUVEZ

FLERTE

ESPERA

FIM DE OUTONO

CÍRCULOS

Separação

Passado

OFERENDA

ÁGUA

PRIMEIRO AMOR

OCASO

-TERRESTRE

VIDA

PROPOSTA

TEMPOS

Réquiem

LUTO

AMARRAS VIRTUAIS

FENIX

AROMAS

CÍRCULOS

SÉCULO XXI

UIARA

PRETÉRITO MAIS QUE PERFEITO

LONGA ESPERA

FAMÍLIA

LIMBO

RIO PIRACICABA

SERVIDÃO

PÁGINA 49

MALHAÇÃO DOJUDAS

Extemporâneo

Mesa

SOCIEDADE

MATER

Hic et Nunc

AMOR ANTIGO

Quatro Estações

PONTO DE INFLEXÃO

ÚLTIMA VIAGEM

MOMENTO NO TREM

BODAS DE CORAL

OFICINA

PANDEMIA

MEU LADO POÉTICO

Cozinha

ÚLTIMO BEIJO

Evolução

Compras de Natal

Momento na rua Barão de Itapura

Episódio na BR 116

ONTEM

Guerra

Carta á Minha Neta

Bodas de Esmeralda

Agosto, 13

OS NAMORADOS DA VOVÓ

FAZER 70 ANOS

TENIS BRANCOS

Vida Real

OLHARES

Nove de maio

ALMAS GÊMEAS

PRESENÇA

ambição

MENINO CHORANDO

CASTRO ALVES

Ostra

MAKTUB

Tempo

EU, COMIGO

Agro

ADEUS À INFÂNCIA

Todos são suspeitos...

Espera

Para Sofia Bottino Lopes, minha neta

CARTA EXTRAVIADA

MEDIEVAL

MEU RIO

A PARTIDA

Quando eu estiver partindo
tirem-me os anéis de ouro.
pesa-me tanto esse lastro!

Descalcem-me as sandálias.
Pés nus caminham ligeiros
por sobre as águas claras.

De bagagem, levo apenas,
entrançados nos cabelos
alguns instantes perfeitos.

Agasalhos, não preciso.
Basta-me lenço, ou um gesto,
para desfraldar o adeus.

Leve...Leve...Uma aragem
de rosas perfumará os lençóis
e me abrirá as cortinas.

E, quando soarem, longe,
risos e sinos de cristal,
já estarei na outra margem.

MASMORRA

Onde, o ferrolho de minha cela?

Onde, os grilhões, as algemas?

Nas raízes dos meus medos,
no enredo dos pesadelos,
no rubor da timidez.

E o carcereiro?

Sou eu.

EM SILÊNCIO

Meu amigo se foi há vinte anos.
Soube hoje.

Então, foi hoje que ele partiu.

Despeço-me em silêncio,
procurando os nobres traços,
embaçados, num papel antigo.

Escuro, o retrato mal sugere
a luz mágica do olhar,
que se apagou há vinte anos.

Conheço as dores do nunca mais.
Esta agora, de onde vem?
Da velha cicatriz, ou de ferida viva?

CURSO NOTURNO

Quanta lua - meu Deua!- desperdiçada.
Quanta estrela - amor! ignorada.

Tanto perfume na noite...
tanta carícia na mão...

E esses teus lindos olhos
metidos numa equação!

AMOR

Nosso amor tão simples,
só queria ser eterno,
nunca foi cantado
em prosa e verso.

Foi é suado, malhado,
em labutas e prazeres,
por meio século
e mais um pouco.

Agora o amado segue,
além da curva da estrada
e devo segui-lo em breve.

Mas ficaremos, presentes,
no DNA misturado
de muitos filhos e netos.

Virão bisnetos, trinets,
gerações de descendentes,
levando nosso liame
até o final dos tempos.

E o nosso simples amor
ressoará na eternidade
em prosa e verso.

VIUVEZ

Você abre a porta, esquecida da hora,
ninguém mais estranha a sua demora.
Vaidosa, capricha na sua elegância
à qual ninguém dá a menor importância.

Você dorme tarde, a cama é tão fria!
Em quem encostar, se o medo arrepia?
A quem confiar sutís desenganos,
as contas, os sustos, os sonhos, os planos?

Você está farta da casa em silêncio,
de vinho sem brinde, de noite sem beijo.
Sensata, procura calor e alegrias,
mas há dias cheios de horas vazias.

Viver cada dia é um velho costume.
Em paz, com saúde, engole o queixume,
inventar coragem, disfarçar a saudade.
A vida ainda é boa, só falta a metade.

FLERTE

Este enleio
não é absolutamente
fundamental.

Sequer estremece
a sólida estrutura
existencial.

Nunca será
paixão violenta
de tempestade.

E muito menos
amor fecundo
de chuva mansa.

Zéfiro apenas,
brisa macia
no calor do meio dia.

ESPERA

Para escalar meu amor,
levarás senha de fogo,
usará capa de amianto.

Teus olhos e tua boca,
que a capa não cobrirá,
devem estar em brasa.

Inferno? Fornalha? Não sou.
Alta pira de troncos,
muito tempo ao sol,
a estalar de secos!

Quando galgares o monte,
levando a senha de fogo,
hás de lavrar um incêndio
que nunca se apagará.

FIM DE OUTONO

Conforme a perfeita
lei da natureza,
fruta não estraga no pé.

Completa a maturação,
plenos a forma, a cor,
o perfume e a doçura,
a fruta se solta do galho
e apodrece no solo,
entre vermes e insetos.

Madura, cumpri meu ciclo.
O espírito, inquieto, continua
preso aos encantos do mundo.
O coração, amante, permanece
atado a doces laços.

Mas o velho corpo já invoca
a sábia lei da deiscência
e se curva para o chão.

CÍRCULOS

Pai, mãe, avós, evos, espécie,
estamos concertados.

Meus filhos cresceram, fortes,
e já nos deram netos.

O porvir brotou de minhas águas
e nutriu-se do meu leite.

A ponta solta que fui
prendeuse em elo firme
na corrente das gerações.

Nascer, crescer, gerar,
é o grande círculo da vida,
onde todos nos encontramos.

Voltar ao pó, agora,
é fechar um círculo menor
onde cabemos dois: o Criador e eu.
Ninguém mais.

Separação

Vamos medir a distância.
Serão oitenta quilômetros?
Muitas milhas seriam pouco
para tamanha tristeza.

E a distância no tempo?
Serão dias, serão anos?
Fossem anos, tão mais breves
que estes dias doloridos.

Há uma distância de almas.
A que cresce mais depressa,
doendo mais do que as outras.

Qualquer distância no espaço,
com esperança dissolvo:
Tenho sonhos, construídos
no futuro que imagino.

Qualquer distância no tempo,
com a saudade resolvo:
São tão lindas as lembranças
do passado que revivo!

Espaço e tempo são nada.
Mas a distância das almas
se vai tornando infinita.

Passado

Ainda uma vez retorno
às ruas do nosso tempo,
doloridas de saudade.

Quero esquecer, apagar tudo.
Olhar os prédios novos, tão modernos,
no lugar das casinhas geminadas.

Registrar quanto tempo passou:
retiraram os trilhos do bonde
e os paralelepípedos.

Nada adianta. Se existes,
tua sombra perene não se arranca
tão facilmente do passado.

Piso em teus rastros.
Como pôde o duro calçamento
eternizar as marcas de teus passos?

Percebo teu vulto.
Como pôde a atmosfera móvel
guardar, intacto, o teu perfil severo?

Não vives mais aqui,
nem respiras este ar.
É improvável surgires, de repente.

No entanto, a cada passo,
espero e temo ver-te.
E, quanto mais espero e temo,
mais te faço, sem querer,
presente.

OFERENDA

Nos ventos de agosto
os meninos empinam papagaios
de caprichados desenhos
e longas rabiolas.

A delicada estrutura colorida
enfrenta o largo espaço,
mas dura pouco,
não mais que um vôo.

Mesmo assim, os garotos investem
moedas, engenho e tempo
no presente que oferecem aos céus
na manhã de domingo.

É uma festa, no campo aberto.
Com o impulso da corrida
as pipas se levantam,
ganham altura e linha,
planam, dançam e disputam.

Podem cair logo, voar horas,
mas antes do fim do dia são vencidas
por descuido ou acaso.
Pela imperícia de um menino,
ou a maldade de outro.

Às vezes, de repente,
acontece o inefável:
uma pandorga ganha força,
rompe a linha, arrebatada pelo céu.

Oferenda,
sobe, sobe, sobe,
até sumir no infinito,
onde nosso olhar não chega.

Mas onde chegam
o rumor das preces...
O eco dos salmos...
A fumaça dos sacrifícios...

ÁGUA

Estiagem brava, céu inclemente,
pasto seco, criação morrendo.

Madrugadinha veio o homem
que, Deus sendo servido,
achava água onde uma forquilha
vergasse para o chão.

Cavadeira, enxada, enxadão,
corda no sarilho, força na manivela,
baldes subindo, pesados
de terra úmida.

Vinte palmos para dentro do chão,
mais doze, mais dez, mais um pouco...
De repente, um disco de prata
tremeluz no fundo escuro.
Louvado seja Deus!

Noite fechada
o poceiro emerge do barro,
trôpego de exaustão.
Halo sutil rodeia a face suja,
e as mãos de arcanjo erguem o jarro cheio
como um troféu.

Como um presente,
mais precioso que ouro, incenso e mirra:
Água!

PRIMEIRO AMOR

Nunca esquecerei
o apagar-se
da linda bolha de sabão
que acreditei
ser de cristal.

Nunca esquecerei
a decepção que amargou
meu jovem coração.

Mais triste que descer
dos mitos da infância.
mais profunda que aprender
que o céu...
nem é azul,
nem é céu.

OCASO

No fim da tarde
arqueiam-me as espáduas
tremem os joelhos.
Posto que feliz,
custosa foi a jornada.

Às minhas costas
o sol vai morrendo
nos longes do poente.
Minha sombra,
seda roxa na areia,
se estende para o leste.

Em pouco virá a noite escura
com seus medos e mistérios.
Não importa.
Caminho para o nascente.

-TERRESTRE

Menina, voei alto.
As estrelas brilham
mais longe.

Jovem, singrei mares.
Sofri a inconstância
das ondas.

Adulta, voltei ao chão
ao qual pertenço
desde sempre.

Deito raízes, cheias de rica seiva.
Estendo ao sol fortes ramos.

No outono frutificarei.

VIDA

Tentam me convencer
que a vida é um dom transitório,
e a morte
o castigo definitivo.

Não posso acreditar.
A morte também é um dom,
compassivo, mas passageiro.
Eterna é a vida.

PROPOSTA

PROPOSTA

Viver

é caminhar sempre, sem jamais ceder
à pretensão de haver chegado.

E ser

para os companheiros de jornada
olhar de ternura
voz de esperança,
mãos de socorro.

Morrer

é apenas mais uma ilusão dos sentidos.

Estaremos caminhando
na larga estrada real.

TEMPOS

TEMPOS

Naquele tempo...tempo bom...
Nem parava para pensar,
era muito o que fazer.
Trabalhos e alegrias,
deveres e lazeres
se entrançavam,
formando tapete grosso.
Cores vivas, misturadas,
em fundo ocre.
Eram o meu chão. Firme.

Perdi o chão.
Foram-se trabalhos,
rareiam alegrias.

O dia inteiro
tento ocupar meu tempo,
que sobra por todos os lados,
e me atrapalha
como roupa grande demais.

À noite, na casa vazia,
no quarto vazio,
soam estalos, deslizam sombras.
As horas correm longas,
deixando um rasto gosmento
de sustos e pesadelos,
na frialdade dos lençóis.

A noite é escura
e o futuro...

Escuro...Escuro...

Réquiem

RÉQUIEM

Quando você vivia para nós,
doce, nobre, firme,
sua sombra acolhedora
era uma grande tenda
que nos protegia.

Então o mundo era bom,
e a vida era bela.

Longe da vista,
além da curva da estrada,
você segue, na nossa frente.

Caminhando no seu rastro,
espelhando seu exemplo,
cultivando sua memória,
vamos, juntos, fazer
com que o mundo continue bom
e a vida bela.

LUTO

LUTO

A dor me envolve,
e aquece
como áspera e pesada
coberta de lã.

A dor me envolve,
e acalma.
Bálsamo mágico,
em feridas abertas
e velhas cicatrizes.

A dor me envolve,
e consola.
Compassivo regaço
de toda a criação perecível.

A dor me envolve,
e fortalece.
Duro tambor ancestral
despertando as fibras lassas
do meu corpo.

A dor me envolve,
e protege.
Concha de nácar, fechada,
bem no fundo
de um oceano de memórias.

AMARRAS VIRTUAIS

AMARRAS VIRTUAIS

No silêncio do meu canto,
recolhida nos meus medos,
mergulhada em fundas mágoas,
urdo vinganças cruéis.

Elaboro detalhados
esquemas de fuga,
dantescos assassinatos,
e lânguidos suicídios.

A cada noite me encolho,
a cada dia acrescento
minúcias sofisticadas
aos meus planos inviáveis.

É neles que me encastelo
para não enveredar
pelo caminho sensato:
sair pela porta da frente,
sem olhar para trás.

FENIX

Fenix

Noite escura.
ressoam passos pesados
nas pedras da rua.
Um grito rouco deforma
a voz amada.
Estremeço ouvindo
o baque surdo.

Sobre o sangue escuro
que tingiu o calçamento,
correram anos e anos.
Pedras não esquecem.

Passos pesados
me acordam, todas as noites,
na mesma hora tardia,
um pouco antes do grito.
Como as pedras da rua,
meus ossos não esquecem.

Entretanto, todos os dias
a vida me chama, lá fora,
para varrer os fantasmas
da calçada.

Lavando o chão,
abrindo as janelas,
fazendo o café,
reúno a base que me sustém:

terra, ar, água e fogo.

E , inteira, recebo a graça
de mais um dia.

AROMAS

AROMAS

Enamorado,
Romeu roubou a rosa
mais fragrante
dos jardins de Verona.

Julieta suspirou, encantada.

Apaixonado,
Romeu ofereceu,
em frasco de cristal,
a mais preciosa essência
dos perfumistas de Grasse.

Julieta aspirou, ruborizada.

Enlouquecido de amor
Romeu escalou os altos muros
da mansão Capuletto.
Cruzou pátios e portões,
grimpou pelo arvoredado.
Saltou o balcão da amada
espalhando um discreto aroma
de suor recente.

Julieta abriu os braços: Vem!

CÍRCULOS

CÍRCULOS

Pai, mãe, avós, evos, espécie,
estamos concertados.

Meus filhos cresceram, fortes,
meus netos começam a chegar.

O porvir brotou de minhas águas
e nutriu-se do meu leite.

A ponta solta que fui
prende-se em laço firme
na infinita corrente das gerações.

Nascer, crescer, multiplicar-se
é o grande círculo da vida,
onde cabemos todos,
passados, presentes e futuros.

Voltar à terra, agora,
é fechar um círculo menor,
onde cabemos dois: o criador e eu,
ninguém mais.

SÉCULO XXI

SÉCULO XXI

Não sei se, em nosso mundo, um dia viveram deuses e titãs, gigantes e elfos, ogros e gnomos.
Não sei se aqui perambulam almas penadas, fantasmas, íncubos, súcubos, vampiros e demônios.
Não sei se visitam, já visitaram, ou algum dia nos visitarão, prováveis seres de outras galáxias.

O que sei, de fonte limpa, é que vivem conosco terríveis monstros, vestidos em pele humana e roupas de griffe.

Entram nas nossas casas, circulam nos clubes, nos desvãos do baixo mundo, nos bastidores dos três poderes.

Pessoas dizem, à boca pequena, que eles arquitetam trapaças e mortes, burlam leis e compram consciências.

Como os demais, desconheço os tentáculos de seu poder, o nome de suas vítimas, a crônica de seus crimes hediondos.

Em nosso meio se comportam como cavalheiros, e como tais, são recebidos e aplaudidos com balidos gentís.

Então, como os outros, creio que a falta de princípios, a explosão de drogas e violência, são coisas que acontecem.

Onde, míticos heróis que livrem o mundo da nossa covardia?

UIARA

UIARA

Na noite enluarada, cheia de sortilégios,
um homem rema, na sua piroga.

Vem de longe uma canção dolente
deslizando, escorrendo
pelo espelho do rio.

Já envolto na doçura pegajosa da cantiga,
o homem lembra da Mãe d'água.
Ela encanta pescadores
navegando sozinhos, em noites de lua.

Uiara canta, em noites claras,
penteando longos cabelos verdes.
Canta, quando sai nuinha da água
e sua pele é mais alva que a lua.
Os seus olhos, de reflexos dourados,
seduzem todos, de moleques a velhinhos.

O homem sente perigo rondando
mas a canção já lhe circula nas veias
e amolece os ossos.
Salva-se quem foge, para bem longe do rio.

O homem sabe. Mas com toda a força
do braço impele o barco
no rumo da cantiga, do corpo alvo,
dos cabelos verdes, dos olhos amarelos.

Na manhã ensolarada, despida de mistérios,
no liso do rio deriva uma piroga vazia.

PRETÉRITO MAIS QUE PERFEITO

PRETÉRITO MAIS QUE PERFEITO

Pouco a pouco o corpo se desgasta,
cansa, pesa e dói.
vão-se dentes, músculos
e os cinco sentidos.

O mundo muda, cada vez mais depressa.
Não é mais a nossa casa.
Com esforço, evoluímos, mas há coisas
difíceis de aceitar.

Nossos amigos,
os que falavam nossa língua,
um a um, passam para o outro lado,
e o entorno fica vazio.

O fim se aproxima, um dia de cada vez,
no mesmo passo de sempre,
desde o nascimento.
Não dramatizemos.

A morte esperada é uma graça.
O arremate normal e suave
das vidas longas.

Entretanto, o assunto é tabu.
Não fica bem falar sobre o encontro
que mais nos interessa.

Calados, sonhamos. Em sonhos
viajamos na barca de Caronte,
nas asas de Azrael.

Em segredo imaginamos
reencontros, alegrias, aventuras talvez
em outras dimensões.

Serenamente esperamos
a última benção da vida.

LONGA ESPERA

LONGA ESPERA

Rezei pouco, pedi menos,
quase nada me faltava.
Não é certo incomodar
deuses vivos e santos mortos
com miudezas.

As coisas mudaram:
Deuses, santos, antepassados,
peço ajuda.

Envelheço saudável
e as maravilhas da medicina
esticam a longevidade.

Já vivi muito,
saboreei instantes felizes,
doces lembranças me sustém.

Se for meu destino
ficar muito, muito velha,
que não me torne um fardo
pesado demais.

Que consiga manter a alegria,
pelo menos a calma
e o bom humor.

Que não me queixe muito,
seja pouco exigente,
e não me agarre aos meus.

Que consiga desprender-me
pouco a pouco, das pessoas
e também das coisas.

Que seja paciente e digna
a longa espera.

FAMÍLIA

FAMÍLIA

Um momento apenas
em que você me faltasse...
Um breve instante
sem o chão firme do seu amor,
sem o doce fardo do meu...
Esse átimo seria o bastante
para me destruir.

Assim me sentia, e dizia,
jovem noiva, ignorante
das artimanhas da vida.

O momento é agora.
Você não estará comigo
até o fim dos meus dias.

O chão continua firme,
compactado há décadas,
por marchas forçadas
e danças de festa.
O fardo dos meus amores:
filhos, genros, nora, netos,
curva levemente os ombros
desta velha senhora.

Suaves laços me prendem
e sustentam em pé.

LIMBO

LIMBO

É cedo para chorar.
O corpo está presente,
vivo e exigente.

A demência insidiosa
esculpe um arremedo,
mais grotesco a cada golpe
do cinzel macabro.

A cada dia tentamos
aceitar os novos terríveis estragos,
e não vislumbrar o amanhã escuro.

É cedo para chorar.
A vida exige atenção, esforço e paciência
com o querido estranho.

Velando um corpo morto
cremos que o nobre espírito voa livre
por mundos talvez melhores.
Dizemos que a alma, luminosa,
descansa em paz, no seio de Abraão
Queremos acreditar na litania das religiões
velando um corpo morto.

Zelando um corpo vivo, apagado e informe,
nos invadem bíblicas imagens
de demônios expulsáveis com exorcismos!
Não se esconjura, não se benze,
a fuga de neurônios e sinapses,
os estragos físicos e químicos

na massa cerebral.

Veza por outra, por momentos
parece estar entre nós, revelado
em um gesto gentil, em uma palavra
bem colocada no contexto.

Perplexos, imaginamos
em que orco, em que limbo,
vaga, ou se esconde, o espírito volátil
que às vezes nos visita
com lampejos de sua luz antiga.

É cedo para chorar.
Nos olhos secos não cabe ainda
o lenitivo do pranto.
E já não cabe o brilho visionário
das virtudes teológicas.

RIO PIRACICABA

RIO PIRACICABA

Nasci junto ao Mercado,
longe da rua do Porto. Mas o encanto
da minha infância foram cheias e vazantes,
piracemas e encontros do Divino.

O canto poderoso das águas
galgava a colina, inundava a madrugada
e me embalava o sono.

Parti, cumprindo o meu destino.
Noites, anos, recordei, grave e perfeito,
o murmúrio do salto na distância.

Volto, busco o marulho das águas
que ainda ouço em sonhos... Mas, que pena!
A voz do rio não mais vence as ladeiras.

A cidade cresceu, trepidante?
O rio definhou, maltratado?
Meus ouvidos se embotaram?

Tudo isso, e nada disso.
É que o ontem se foi, a vida passa.
Não faz sentido perseguir seus ecos!

Visito o rio, sempre um velho amigo.
Da úmida margem ouço bem seu canto rouco,
e juro eterno amor às águas crespas.

SERVIDÃO

SERVIDÃO

Matei, a frio
com calma e premeditação.
Cortei pelas juntas,
descarnei com minúcias
de açougueiro.
Cavei fundo, cobri com terra,
folhas, paus e grandes pedras.
Enterrei esse amor
no passado.

Logo mais, no futuro,
erguerei os ombros,
sairei para a luz.

Agora, no presente,
não foi preciso mais
que a pesada cadência
de passos na escada,
para esparramar terra,
folhas, paus e pedras,
colar ossos, juntar carnes.
Recompor, mais uma vez,
as algemas da servidão.

PÁGINA 49

PÁGINA 49

A vida, meu bem maior
agora um pouco mudada,
quis cantar numa toada
em redondilha menor.

Conforme o regulamento
fiz versos, menos de trinta.
Todos eles , comprimento
só até a sílaba quinta.

Cada idéia, acomodada,
como se fosse num cofre,
em área delimitada:
de quatro linhas a estrofe.

O livro não é graúdo
mas sim de boa qualidade.
Capa,edição, conteúdo,
caprichados de verdade.

Nesta página, a poesia
ficou muito judiada.
talvez porque não cabia
no papel, foi amassada.

Em obra tão acertada,
escapou falha menor.
Reclamo, mal humorada,
em redondilha maior.

MALHAÇÃO DO JUDAS

MALHAÇÃO DO JUDAS

A vila se reúne para costurar um boneco,
a figura do Judas, objeto da vingança coletiva.

Com mágoa antiga, a viúva separou roupa
do finado, bebedor e mulherengo.

Com vergonha de castigos injustos,
os meninos desfiaram o recheio de palha.

Com linha grossa, e a carência das noites
vazias, a tia costurou pernas e braços.

Com ódio dos namoros da mulher
o corno encheu o boneco de morteiros.

Com carvão e revolta, na cara do monstrengo,
o peão riscou os bigodes do coronel.

Com saudade do sedutor, e o chapéu
esquecido, a mãe solteira completou a obra.

Sexta-Feira Santa, quanta raiva!
Junta a fome do jejum, da abstinência,
a tristeza da paixão de Cristo,
mais as dores que a vida traz.

No Sábado de Aleluia descarregamos
a fúria no Judas, bode expiatório
de nossas frustrações.

Entre gritos e cusparadas, a gente arrasta,

bate e rasga, até o maligno explodir
em chamas, pólvora e enxofre.

Judas morreu. Cristo ressuscitou.
De alma lavada, cheios de esperança,
celebramos o Domingo de Páscoa.

Extemporâneo

EXTEMPORÂNEO

Semente germinando ,entre paralelepípedos
da rua principal.

Indiferente á aridez, e ao calor das pedras
o grão brota, com a força concentrada
de tornar-se árvore,
para o seu dia breve,
antes dos pés e rodas que transitam.

Distante ainda da primeira folha
será árvore morta, natimorta,
sem futuro e sem passado.

Assim cresce este amor mal nascido,
fora de tempo e lugar.

Antes, muito antes, do primeiro beijo
será romance findo, esquecido,
sem rastros no coração.

Entretanto, no pequeno intervalo
de tempo concedido,
cresce com a força concentrada
de tornar-se eterno.
E dói.

Mesa

MESA

Era em torno da mesa
que a gente se sentava.
Reunia. Comungava.

Tantos laços,
tecidos com o tempo.
Muitos entretecidos com o alimento.

A família toda, e ,muitas vezes,
parentes e amigos, amigos de amigos,
hóspedes, visitantes...

Manhã, tarde, noite,
Todos os dias, a mesa cheia...
Aniversários, noivados, casamentos...
Todos juntos, na alegria
da família grande, da mesa farta.

Tantos laços eternos
esgarçados!

Não nos sentamos mais, todos juntos,
à mesma mesa.

Merecemos a excomunhão?

SOCIEDADE

SOCIEDADE

Um casal carioca, podre de chic,
alugou casa de morada
na nossa cidadezinha.

O povo dos vilarejos
recebe os vindos da capital
com muita deferência.

Fui então apresentada à madame,
por, pelo menos, oito amigos diferentes,
sem nunca ser reconhecida.
A cada vez madame concedeu-me
o mesmo cumprimento distraído,
com dedos moles, e no dialeto dos xis.

Nas cidades pequenas
todos se conhecem e tudo se sabe.
As janelas olham... os muros falam...

Desde que soube de nossa saudável
conta bancária, madame passou
a me acenar de longe, e a saudar
com dois beijinhos estalados.

MATER

MATER

Não regatearei meus filhos,
se um dia os tiver.

Não me queixarei
dos desconfortos da gravidez
ou das dores do parto.

Não cobrarei cansaços,
preocupações, ansiedades,
vigílias, renúncias.

Esquecerei despesas
malentendidos, distanciamentos
e incompreensões.

Se a vida me abençoar
com filhos, serei grata e devedora
até o fim dos meus dias.

I

Hic et Nunc

Hic et Nunc

Aqui e agora
é o meu lugar, é a minha hora.
Existo: sou, luto, ajo,
aqui e agora.

Em todos os recantos
do nosso mundo
outros trabalham, sangram,
e, cada um na sua medida,
consegue melhorar um pouco
o a vida ao seu redor .

Em todas as eras,
ao longo do tempo,
outros mudaram, outros mudarão
o curso da história.

Aqui e agora, vivo.
Cumpro meu destino humano
O melhor que posso,
com seriedade.

AMOR ANTIGO

AMOR ANTIGO

Meu amor antigo, precisamos nos falar.
Há meio século não nos vemos, estamos velhos
talvez nem sejamos mais as mesmas pessoas.

Tenho tanto a dizer... Talvez a ouvir...
Dissemos tudo, no último encontro de um caso
longo, encerrado sem mágoas.

Entretanto, as voltas e distâncias da vida
nos dão outros pontos de vista, muito melhores
recursos de compreensão.

Agora eu sei. Passam as paixões da mocidade
mas subsiste para sempre um profundo carinho
por quem nos amou de verdade.

Agora eu sei o quanto você foi importante
para eu me tornar quem sou. Ser melhor
para mim e para os outros.

Agora eu sei. Conviver tanto tempo
com sua nobreza calma, seu amor confiável,
pavimentou meu chão.

Não muda nada, depois de cinquenta anos.
Mas você precisa saber que lhe sou grata
até o último dos meus dias.

Quatro Estações

Quatro Estações

I

Sob o suave influxo
da primavera, a rosa
se abre ao sol.

II

No galho do ipê
as maritacas conversam.
Sons do verão!

III

A chuva fininha
encharca o pomar. As frutas
adoçam o outono.

IV

O vento gelado
assobia na vidraça.
Chamas na lareira...

PONTO DE INFLEXÃO

PONTO DE INFLEXÃO

Apaixonados, nos entendíamos,
as palavras nem eram necessárias.
No último dia, olhares fundidos até a alma,
relutávamos em nos separar.

Tão de perto, eu distinguia raias verdes
e pontinhos faiscantes nos seus olhos.
Tão de perto, ouvia-lhe pulsar o coração
e aspirava-lhe o halito quente.

Pode alguém pedir mais à vida,
se respira em comum com seu amor,
e flutua nas águas do seu olhar?

Gentilmente, como quem oferece uma flor,
ele de leve beijou-me na face direita.
Foi a proposta de sempre: "Virias comigo?
Abandonarias teus rumos pelos meus?"

Minha resposta era sim, mas tive medo,
e meu ligeiro recuo foi um duro não.
Vi se apagarem os pontinhos de luz,
e desviar-se um olhar baço e triste.

Partiu. Nunca mais nos vimos.

Tantos anos...Hoje, no pergaminho
da face direita, tenho a ilusão de tocar
uma pequena área, lisa e tepida

que desencadeia doces recordações.

ÚLTIMA VIAGEM

ULTIMA VIAGEM

Caminho.

No fim da estrada,
cada um segue por si.

Caminho.

Sozinha atravessei
a grande noite escura.

Caminho.

Nos longes do horizonte
adivinho o dourado brilho
do portal da aurora.

Caminho.

Oh! deuses!
Oh! ancestrais!
Oh! amados que me esperam!

Oh! de casa! Estou chegando!

MOMENTO NO TREM

MOMENTO NO TREM

O menino bonito,
dezoito? vinte?
achou lugar no trem
ao lado da velhinha tímida
quase invisível.

Licença, minha senhora...
Voz baixa, grave, quente,
cheia de ressonâncias.

A senhora acendeu
olhinhos espertos
e pareceu menos velha.
Esboçou um tênue sorriso,
também mais jovem
que o resto.

O erguer da mochila
desvelou o tufo negro da axila
e espalhou um discreto aroma
de suor recente.
Foi impressão, ou de leve
fremiram velhas narinas?

Os jeans apertados
delineavam os músculos fortes
das coxas. O jovem corpo
irradiava um calor bom.

A velhinha tímida
fechou os olhos marotos

para sonhar diabruras
com o neto de outras avós.

BODAS DE CORAL

BODAS DE CORAL

Trinta e cinco anos, hoje.

Quando assumimos o compromisso
de caminhar juntos, éramos muito jovens.
Não sabíamos o que estávamos prometendo,
o que nos seria exigido em trabalho e paciência,
em desprendimento e coragem.

Com a frágil garantia do nosso amor,
empenhamos o futuro e saímos para a vida.
Quantas vezes mudamos nossos planos,
corrigimos nossos rumos? Mas sepre juntos.
De alguma forma, com erros e acertos,
soubemos caminhar de mãos dadas
até a tranquila margem da idade madura.

Com alegria contemplamos
a parte da nossa obra que todos podem ver:
o nome honrado, os filhos bons e decentes,
o padrão de vida digno, o respeito e a amizade
dos que nos rodeiam.

Mas com secreto orgulho curtimos a obra particular,
que só nós sabemos: as dificuldades vencidas,
os ajustes conseguidos, os defeitos vencidos a dois,
o crescimento de cada um como pessoa,
em contato com as qualidades do outro.

E o convívio, que não é o ajuste perfeito
de duas engrenagens que funcionam bem, acopladas,
sem valor nenhum fora do mecanismo.

O convívio feliz, que é uma harmonia
profunda e inabalável entre duas pessoas,

que têm sua própria feição e seu próprio valor,
mas que se ajustam a cada momento,
obedecendo ao ritmo mutante da vida.

Há trinta e cinco anos,
queríamos viver muito tempo juntos.
E hoje, nos basta a mesma coisa:
viver mais tempo juntos.

OFICINA

OFICINA

HÁ TEMPOS ESQUECIDOS, NO SÉCULO PASSADO,
DEI GUARIDA A UM AMOR INÚTIL, SEM SENTIDO.
UM AFETO INCÔMODO, INTRIGANTE,
COMO A PEÇA DE UM MECANISMO
QUE SOBRA NAS MÃOS DO MECÂNICO,
DEPOIS QUE A MÁQUINA É POSTA A FUNCIONAR,
PERFEITAMENTE.

ACONTECIA, ÀS VÊZES.
JÁ VI, NA OFICINA DO MEU PAI.

COMO A PEÇA, QUE NÃO SE AJUSTA E NEM FAZ FALTA,
NO LOCAL EXATO PARA O QUAL FOI PROJETADA,
TAMBÉM ME SINTO, AGORA.
SEM ENCAIXE, DESLOCADA, DISPENSÁVEL,
EMBORA CRIADA POR QUEM SABE O QUE FAZ.

PANDEMIA

PANDEMIA

Meus olhos pequenos, enrugados,
atrás dos óculos.

Meu sorriso fácil e sincero,
atrás da máscara.

Faz frio, uso um gorro de lã,
casaco e luvas.

Ninguém me reconhece, é claro.

Com minha vista fraquinha,
todos encapotados e mascarados,
também não reconheço ninguém.

Tanto faz continuar presa em casa,
como dar uma fugida, para onde for.
Quem sou eu, mesmo?

MEU LADO POÉTICO

MEU LADO POÉTICO

Pela janela entra o sol da manhã.
Ligo o computador. Lá dentro me esperam
velhos amigos queridos, e novos, que ainda vão ser.

Com carinho recolho os versos bonitos
que bons colegas me trazem.
São originais, únicos, feitos em casa,
em horas em que o sentimento
brota do fundo da alma.

Leio e releio, tentando me apropriar
de seu sentido profundo. E curto, analiso,
as grandes habilidades no trato com nossa língua.

Tomo posse, agradecida, das opiniões gentis,
dos que apreciaram meus versos. Aprendo muito.

Sou muito grata a este espaço que nos encanta
facilitando um valioso contato humano
em tempos de isolamento.

Cozinha

Cozinha

Deixei queimar o doce
que fazia com todo o cuidado.

Se eu tivesse treze anos:
descuido de criança.

Se fossem vinte e três anos:
desídia de mocinha

Se fossem trinta e três:
sobrecarga de trabalho.

Pequenos acidentes comuns,
na cozinha.

Mas eu tenho oitenta e três,
com certeza é Alzheimer.

Vão se fechar os portões
do meu último reino.

ÚLTIMO BEIJO

ÚLTIMO BEIJO

Casaram-se e foram felizes para sempre.
Fomos. Na vida real, um dia o sempre se bifurca,
o amor persiste, em planos paralelos.

Dias e dias, dias e dias, na hora marcada,
eu o visitava na UTI, inerte, lasso,
perdido no coma profundo.

Ansiava por um gesto, um suspiro,
um sinal de vida, além dos números,
e linhas dos monitores ligados.

Esperava que abrisse os olhos.
Ainda me conheceria, talvez?
Não pude ver a luz do seu olhar.

Que me chamasse. Saberá meu nome?
Perceberá minha presença fiel?
Não ouvi o sussurro da sua voz.

No último dia, num repente, apertou
com força a minha mão. Busquei seus olhos,
as pálpebras não se abriram.

Nem um traço mudou, no rosto calmo,
mas os lábios arredondavam com firmeza
nítida e improvável boca de beijo.

Poucos segundos, eternos na memória.
Das sombras do limbo, no derradeiro esforço,
meu bem me atirou seu último beijo.

Evolução

Evolução

Cecília Cosentino

Para J. Abílio Silveira Cosentino

Quando eu era jovem, pensava
que comer pão era uma pobreza,
degustar escargot o supra sumo da sofisticação.
Só que...

Para comer escargot basta o primata
enfiar o dedinho na concha, já pode saborear a lesma.
Tão simples como urso lamber mel,
como gambá chupar ovo.

Pão é outra coisa.

Não basta ao homem ter assumido a posição ereta,
dominado o fogo, inventado a roda, fundido o ferro.
Tem que saber das coisas, ter ferramentas
Construir arado, forno, moinho, celeiro.
Há que conhecer e amansar a terra,
lançar a semente armazenada,
respeitar o ciclo das estações,
regar, segar e beneficiar.
Fazer a massa e assar.

Rodear a mesa com seus iguais.

Partir o pão na alegria
da convivência humana
Os comedores de pão estão milênios à frente
dos comedores de escargots.

Compras de Natal

Compras de Natal

Véspera, e ainda me faltavam alguns presentes, castanhas, panetone, fios de ovos para o tender, o ponteiro da árvore que se espatifara, e mais uma lista enorme de supérfluos a que nos obrigamos no Natal.

Todos os anos, depois da ceia, contemplo tudo o que devo lavar, secar e guardar no mais alto do armário, até daqui a trezentos e sessenta e quatro dias. Antecipo o périplo de trocar presentes que não deram certo, de começar, desanimada, a recolher papéis, caixas, fitas, de sufocar a vontade de jogar também no lixo as inutilidades caras que jamais usarei.

É por isso que me afadigava nas lojas, procurando muitas coisas, com tanta pressa. O tempo escasso me aborrecia, o mau gosto dos plásticos coloridos me irritava, e me exasperavam as musiquinhas repetitivas de Natal. Tentava me controlar, na esfuziante alegria falsa do comércio, mas estava à beira das lágrimas.

Foi então que vi o homem. Era um velho grande e ossudo, todo ele da mesma cor de marfim antigo: cabelos grisalhos, pele meio engelhada, roupa muito limpa, amarelada pelo tempo. Caminhava com passo firme e pausado, olhando para a frente, como se estivesse sozinho no mundo. No meio daquele bulício frenético, a imponente figura era como uma estátua do passado, me atraía e acalmava..

Esqueci as frívolas compras, e me engolfei nas recordações de um tempo nem tão distante. Quando as pessoas, a vida, o mundo e também o Natal, eram mais simples. Não se trocava tantos pacotes, os embrulhos eram menos enfeitados, os jogos das crianças não tinham tantas cores, pilhas, controle remoto.

Meus brinquedos da meninice eram como a meia dúzia de brinquedos que o velho segurava discretamente na mão esquerda, enquanto com a direita fazia um deles funcionar. Um palhacinho malabarista que fazia piruetas entre duas paralelas ligeiramente pressionadas nas pontas, pelo indicador e o polegar. Igualzinho a um que me encantara na infância.

O trabalho do homem era primoroso, feito a canivete, na madeira lixada, lisa como seda. O movimento do boneco, sem trancos nem oscilações, equilibrado com maestria. Imagino quantas horas, quantos dias, o velho senhor trabalhou para produzir aquela meia dúzia de saltimbancos perfeitos, também cor de marfim antigo.

O que levava aquele homem simples a se atrever no bulício do comércio, sem coragem de oferecer sua ingênua mercadoria? Foi ilusão de produzir alegria, a necessidade de ganhar algum dinheiro, ou o nobre orgulho do artesão exibindo a sua habilidade ?

Era brutal e doloroso o contraste entre o caminhar lento e silencioso do homem, com seus brinquedos cor de palha, e a azáfama ruidosa das pessoas que corriam pelas novidades chamativas das vitrinas. Percebi, no velho artesão uma perplexidade igual à minha, de quem sente estranho o mundo, e vazio o Natal.

Com cruel agudeza intuí que ele burilara minuciosamente o saltimbanco à sua imagem: uma figura amarrada às paralelas das convenções, aos fortes cordões das necessidades, com um destino submetido a imprevistas cambalhotas sem sentido.

O malabarista era também a minha imagem, movida por invisíveis cordéis, limitada por grossas

balizas, obrigada a piruetas ridículas que executo sem reclamar.

Quis comprar a meia dúzia de brinquedos para quando me nascessem netos. Tive vontade comentar com o senhor que um desses saltimbancos me encantara o Natal, e nem era tão bem feito. Pensei em contar a ele minhas saudades de coisas lindas e ingênuas, do presépio, da missa do galo, do repicar de sinos.

Enfim, por mais que me identificasse com o velho artesão - oh, balizas! - não seria apropriado fazer confidências a um estranho! Enfim, e todas as coisas que eu precisava ainda comprar - oh! cordéis! - as castanhas, os fios de ovos, o panetone, o ponteiro da árvore?

Apressei o passo e me afundei no torvelinho das compras de Natal.

Momento na rua Barão de Itapura

Momento na rua Barão de Itapura

Foi nosso primeiro avistamento.

Vínhamos, em direções opostas, pela varanda que rodeava as salas.

O rapaz abaixou-se para recuperar a caneta que derrubara.

Eu me aproximava, ele interrompeu o impulso de erguer-se.

Era como se houvesse encontrado, em minha face,
uma estrela, um código, um sinal,
que tornasse, tudo o mais, desnecessário e fútil.

Havia certa graça na situação. Infantes, brincávamos de estátuas?

Não nos rimos, a graça era de outra natureza,
benção que transcendia tempos e lugares.

Sem desviar a vista, finalmente endireitou-se.

Mas eu já ficara presa aos seus olhos, àquela gravidade, àquela urgência.

Um homem e uma mulher se haviam descoberto e reconhecido,
nada mais importava na face da terra.

Néscios que somos, acreditamos abrir nossos caminhos, construir nosso futuro.

Uma caneta cai. Ou não. Um minuto antes. Ou depois.

Tinha uma pedra no meio do caminho. Tinha uma pedra...

Azrael passa, com pés de paina, nem um caule balança.

Mas o eixo do mundo se desloca para sempre.

Episódio na BR 116

Episódio na BR 116

Para Raul Furquim Junqueira

Férias, madrugada.

Partimos da margem do Rio Grande,
no carro novinho, recém-saído da agência,
e seguimos para o sul, às praias de Camboriú.
Atravessamos os Estados de São Paulo,
Paraná, e um pedaço de Santa Catarina.
Na altura de Itapema nos acidentamos.

O carro, arrastado entre caminhão e barranco,
deu perda total. Nós, ficamos no susto.
Espera, tensão, espera, tensão, polícia, tensão,
demora, fotos, demora, depoimentos, B.O.
Anoitecia, chegava o resgate,
para retirar o carro, liberar a pista.
O operador do guincho,
era um tipo tão grosseiro e rude,
que nos assustou.

Passou por nós, olhando com raiva
o desastrado casal humano
que provocara o desastre.
Devagar rodeou a o carro, desfez a carranca,
avaliou os estragos com expressão de tristeza
tão profunda, que doeu em mim. Parecia
examinar uma criança brutalizada.
Passando pela frente do carro, abaixou-se um pouco
e acariciou o para-choque, como quem consola.

Emocionada, compreendi: Humanos sofrem

vendo, em ruínas, a obra de outros homens.

ONTEM

ONTEM

Chegou antes dos outros ao escritório, maldizendo a chuva, igualzinha à de ontem.

Parabéns, José. Folgue no seu dia. Até amanhã.

O aniversário fora ontem, mas era doido de corrigir o chefe?

Foi ler jornal na Biblioteca.

Impressão estranha de já haver comentado as notícias. Pudera, o jornal era de ontem, quarta.

Que coisa, não haverem atualizado o jornal!

Escolheu um livro de mistério, recém- chegado.

Gostava do argumento, sobre mortos recentes, que não se davam conta da passagem para outro mundo. Sentiam-se vivos, e se aferravam ao seu espaço na terra, às suas rotinas de sempre. Até que alguém os convencesse de seu óbito.

Leu depressa, parecia conhecer o enredo, o desfecho não foi surpresa, que chato!

No restaurante habitual quis o prato do dia, quinta-feira, rabada com polenta. Hoje temos feijoada, rabada só amanhã.

Tinha comido feijoada ontem...

Pensou aproveitar a folga, visitando a mãe. De novo? Estivera com ela ontem, comemorando o aniversário.

O jeito era ir embora, dormir.

Ops! Bueiro aberto. Quase!

Já perto de casa avistou, na rua transversal, um cortejo pequeno, simples. Reconheceu dois primos, carregando o esquife.

Quem teria falecido? Se amigo, ou parente, tomaria uma ducha rápida e chegaria ao cemitério ainda a tempo. Apressou o passo.

Encontrou a porta aberta, senhoras com o logotipo da funerária, atarefadas em varrer, limpar, transportar cadeiras.. O que teria acontecido?

Coitado do moço! Caiu no bueiro ontem, no dia do aniversário.

Ontem...

Guerra

Guerra

José era do mato, acostumado à vida difícil, aceitava a brutal penúria do front , mas não gostava da guerra.

Amava os animais. Precisando, matava. Cachorro mordido de cobra, cavalo de perna quebrada, gado empestado. Mas não aceitava a morte sem sentido, o ódio destilado pelo sistema sobre desconhecidos. Como detestar alguém cujo nome ignorava? E chamar de inimigo a quem nunca havia visto?

Queria sentir o odor de bicho vivo, estrume fresco, capim cortado. Não o fedor da carnificina, o odor viscoso do medo. Gostava de ouvir berrante, mugidos, ladridos, até esturro de onça, mas não estrondo de bombas, arquejo de agonizantes.

Foi a natureza ordeira que o fez assumir a faxina do acampamento, sempre com baldes e panos? Ou a esperteza de matuto, para se poupar de missões de morte? Prudente, fugia de heroísmos não procurava medalhas. Preferia cobrir avanços, carregar padiolas, vigiar prisioneiros. Lutavam há meses e ainda não matara.

Na guerra as pessoas mudam. As terríveis privações, o assombro constante da dor e do perigo, os horrores que se vê e que se comete, destroem princípios, deturpam valores. Os instintos básicos do animal tomam o lugar de sentimentos e filosofias. É indispensável a lealdade ao companheiro, mas perdem importância a decência e a piedade.

Na guerra as pessoas mudam, mas não se transformam. Fazem coisas monstruosas, mas não são monstros. No curto sossego do sono José ouvia os valentes chorando, rezando, chamando pela mãe. Ele os via se urinar na hora da refrega, vomitar diante da mortandade. Os que voltarem carregarão memórias e remorsos, brotando em pesadelos e neuroses.

Há muito os soldados não ouviam voz de mulher. Capturaram uma criança , seios mal apontando no peitinho magro. Muito frágil, não poderia ser considerada prisioneira. Conservaram-na escondida em uma gruta, e se revezavam no estupro. Ninguém comentava, cada um usava e voltava calado, cabisbaixo. Depois de dias avisaram José: Só falta você, a menina não dura.

Foi, carregando seus baldes e panos. De fora sentiu o cheiro acre de urina, fezes, sangue podre. Sentou-se ao lado da menina, muito pálida, olhos afundados em olheiras escuras. Falava baixinho, como fazia com os animais. Eles também não entendiam sua língua, mas se acalmavam.

Deu-lhe água. Foi tirando as crostas dos cabelos, muito suavemente, até que ela descontraíu os músculos tensos. Só então cuidou do corpinho cheio de feridas e hematomas, juntou as pernas que ela não tinha forças para mover, cobriu-a com trapo limpo. A menina agradeceu, juntando as mãos. Respiração muito tênue, estava partindo.

Atento, José ouviu passos chegando. Acabou-se. Ninguém mais se serviria. Carinhosamente acomodou a mão pesada sobre a boca e as narinas da menina. Tão fraca, que nem lutou.

José se lembraria para sempre do último suspiro débil na palma calosa. Foi como um beijo.

Carta á Minha Neta

CARTA À MINHA NETA

Minha querida

Acabo de saber que surgiu um divisor de águas na sua vida, e na minha também . Antes e depois do primeiro filho. Antes e depois do primeiro bisneto.

Tiro da prateleira a linda Matrioska com a qual você gostava de brincar , abrindo seu ventre bojudo e encontrando lá outra boneca igual, encaixadinha. E dentro dessa segunda uma terceira, e depois uma quarta, uma quinta, uma sexta. .. um não acabar de bonecas dentro de bonecas.

Arrumo, carinhosamente, em cima da mesa, as quatro primeiras: eu-bisavó, sua mãe-vovó, você-mamãe e a criaturinha esperada.. Abaixo de mim, três gerações, já me sinto uma verdadeira Matrioska. Obrigada, querida neta.

Essa boneca, na sabedoria do folclore russo, releva um detalhe comovente: Elos que somos na infundável corrente das gerações, desde o começo até o fim dos tempos, já nascemos trazendo, nos ovários, os óvulos que formarão nossos futuros filhos.

Quando você ainda dormia, no escurinho do útero da sua mãe, esse filho que agora se revela já aguardava um encontro de amor para vir a ser. Não é maravilhoso que a natureza preparasse a existência do seu filho anos antes de você sequer sonhar com isso?

Imagino você, ainda esbelta, estranhando as outras pessoas não saberem do segredo precioso que carrega debaixo do coração, desejando que a barriga se projete logo para todos perceberem, enlevados, que vai ser mãe em breve, que vai oferecer á família e ao mundo um presente de valor incalculável..

Imagino você, de olhos marejados diante da tela do ultra som, vendo pulsar, como uma estrela , o minúsculo coração do seu filho. Colocando, no porta retrato da cabeceira, a primeira foto do perfil, pensando nas feições que terá, com quem irá se parecer.

É tão bom que hoje se saiba o sexo antes do nascimento do bebê, para ter-se a ilusão de conhecê-lo, e tratá-lo docemente pelo nome escolhido com carinho,. Por mais que se pense e sonhe, ele será uma surpresa, uma incógnita, Descanse. Sempre será muito melhor do que poderíamos desejar,

Imagino você, minha neta querida, no momento glorioso do primeiro choro do seu bebê, partilhando a onda de emoção que invade a sala de parto. O mistério do nascimento, carregado de um significado que ultrapassa o nosso entendimento, nos toca o mais fundo do ser.

Os bebês humanos são frágeis, dependentes e indefesos, mais que qualquer outra cria animal. Chegam, tomam conta de nossa casa, de tudo o que nós temos e somos.

Enquanto pequenos, passamos anos olhando para baixo, sentadas no chão, curvadas sobre o berço, abaixadas para ficar da altura deles.

Adultos, tomam conta de nós. Haverá maior ventura na maternidade, que a de olhar para cima para falar com os filhos? Em todos os sentidos.

O tempo passa depressa. Os filhos crescem, em pouco descobrem os cantos da casa, a porta da rua, as estradas do mundo. Durante algum tempo são nossos companheiros de viagem nesta

vida.

São muito, muito mais: nossos futuros companheiros de eternidade.

Minha linda neta. Pousou-lhe as mãos sobre a cabeça, invoco a força de todas as mulheres que me antecederam para pedir: Deus os abençoe.

Vovó

Bodas de Esmeralda

Bodas de Esmeralda

Marido, eu conheço você. Conheço bem cada dobra de pele flácida, cada pelinho encanecido, cada pinta nova nas velhas costas.

Conheço a história das suas dores crônicas, e espreiro as dores novas, numerosas. Sei o lugar de antigas cicatrizes, e de feridas que ainda sangram.

Lembro-me de batalhas ganhas, e de algumas perdidas; de sonhos realizados, e de outros desfeitos.

Adivinho o seu gosto, e os seus desgostos. Sei ler em cada rápido olhar, em cada gesto fugaz, em cada sutil inflexão de voz.

Mas não sei tudo.

Decorei o mapa do seu corpo, palmilhei os meandros da sua alma, estudei os detalhes da sua história.

Mas não sei tudo.

Depois de quarenta anos você ainda me surpreende, e encanta.

Porque, no corpo antigo mora sempre o mesmo homem.

Os embates da vida só arranharam a casca, e enrijeceram o cerne. Não há rugas no caráter, nem manchas na honradez.

Permanecem a integridade inabalável, a confiabilidade do fio de barba, a coerência entre o pensar e o fazer, a lúcida aceitação das responsabilidades.

Depois de tantos anos, ainda me admiro com a nobreza dos seus gestos. Com a generosidade, a delicadeza.

. Hoje, quando celebramos bodas de esmeralda, só tenho um pedido ao céu que nos governa: Podemos envelhecer juntos, mais um pouco?

Agosto, 13

AGOSTO, 13

A

Tião, você não é mais amigo do Quim?

Pois é... Aconteceu... Dizem que sou ignorante, supersticioso... Não é bem assim. Tem coisas que respeito. Cismo com bicho preto, nunca tive. Também com o número treze, e não facilito no mês de agosto. Detesto coruja, urutau, passarinho que pia de noite. Fujo do mal e me protejo. Rezo pra tudo que é santo, uso cruz e figa da Guiné, água benta e mandinga de Tia Inácia. A gente nunca sabe... Tem que respeitar...

Bem que não queria aceitar o convite do Quim. Mas como dizer assim para ele, na lata: não vou porque é sexta-feira, 13 de agosto, ano bissexto! O Quim iria tirar-me o pelo, gozar com a minha cara, por mais de ano.

Além disso, Quim era vizinho de cerca, amigo dos bancos da escola, das pescarias, filho da minha madrinha, quase parente. Eu não negava nada para o Quim. Fui.

Caprichoso por demais, o Quim. Tudo dele sempre perfeito, até os mínimos detalhes. O jardim, mais bem cuidado que a praça da Matriz. A casa cheirosa, a roupa nos trinques, gado e tropa de qualidade. Até os filhos pareciam mais sadios e educados que os filhos dos outros. E a esposa, então? Boniteza chegou ali e parou!

Ele me chamou para exhibir a ninhada das novas porcas, de raça. Sem faltar o respeito com as freiras, o chiqueiro do Quim era mais desinfetado que a enfermaria da Santa Casa.

Cada fêmea e seus filhotes, cada lote de engorda, cada cachaço, no seu cercado, tudo no cimentado e bem lavado. Os animais marcados, com um furo bem feito, no lugar certinho da orelha esquerda. E que beleza aquela leitoada cor de rosa, gordinhos e limpinhos como bebês!

Fiquei para jantar, comida de Donana não é coisa que se despreze, Tomamos pinga envelhecida, com torresminhos, jantamos frango de molho pardo com angu, arrematamos com goiabada e requeijão, tudo feito em casa. Depois do café, moído na hora, o Quim trouxe um fumo especial, do Bairrinho. Enrolamos nosso cigarrinho de palha, e pitamos um bom tempo, jogando conversa fora. Foi uma noite muito boa mesmo.

Despedi, agradei, já estava tarde, eram vinte quilômetros de estradinha ruim, de uma sede na outra. Não me agrada confessar, mas fico receoso de viajar sozinho, no escuro.

Ainda mais nessas estradas vicinais onde passa pouca gente de dia, e ninguém, ninguém mesmo, de noite. Lua nova, um breu só. Aquele vento frio de agosto zunindo no arvoredado. De vez em quando um pio agourento, de arrepiar... Credo em cruz! Noite de assombração, de lobisomem, de mula sem cabeça...

Na metade do caminho, longe da casa do Quim, longe da minha casa, a camionete deu um tranco. Desci para ver, me correu um arrepio gelado do calcanhar até a nuca. Os ponteiros do relógio acabavam de se juntar no número doze, e o farol alumia um porquinho meia ceva, mortinho. Era meia noite em ponto, sexta-feira, 13 de agosto, ano bissexto, e eu atropelo um capadete mais preto que saci!

Comecei, gaguejando, a conversar comigo mesmo.

Vou jogar o tição no mato, ir-me embora!

Mas esse porco dá bem meia lata de gordura, sem pensar nos pernis, nas costelinhas...

Quem vai comer tal bicho, posse do Cão?

Reparando melhor, na orelha esquerda tem marca redondinha. Pois é do Quim... Tenho que acertar com ele, amanhã.

Sei, não... Lá só tem porco rosado..., Não tem outra fazenda, nem sítio, nem morador por aqui, a sede do Quim está longe, o animal deve ser mesmo do Coisa Ruim, furo na orelha é tapeação do Tinhoso...

Eu suava em bicas de medo, mas ao mesmo tempo tiritava como se geasse. Queria era ir para casa, lugar claro e quente. Decidi.

Pode ser do Belzebu, pode ser do Quim, pode ser bicho alongado, de qualquer um. Na verdade, não sei de quem é. Ninguém passou por aqui esta noite, ninguém viu o atropelamento, ninguém sabe de nada. Não procurei, foi sem eu querer, me apareceu na frente, se enfiou debaixo da roda. Comer, não, credo, tenho cisma. Mas, na surdina, aproveito o bicho no rango da peonada.

Joguei o porquinho na carroceria, fiz o sinal da cruz e abalei para casa. Na horinha mesmo que abri a porta o telefone tocou. Parecia alguém tocaiando minha chegada, para ligar... Levei susto, atendi tremendo. Altas horas, só pode ser notícia ruim...

Pois era o Quim, com aquela risadinha gozadora dele...

Ha, ha, ha... ha, ha, ha... Tião, não deixe para amanhã, sangue o capadete, agora mesmo, antes de dormir, senão a carne vai estragar...ha, ha, ha...ha, ha,ha...

Como poderia saber do acidente com o capadete? Como poderia ligar certinho na hora que cheguei? Bem que eu já estava cismado com a sorte exagerada do Quim! Tudo para ele dá mais certo que para os outros... A vida, para o Quim, corre fácil por demais! Aí tem pé de coelho... Só pode ser tendo parte com o capeta! Esconjuro!

Foi aí que perdi a amizade com o Quim.

OS NAMORADOS DA VOVÓ

OS NAMORADOS DA VOVÓ

_Vó, me conta. O Vô foi seu único namorado?

_Foi não, houve outro antes, uma paixão.

_E aí, Vó, não deu certo? Você não quis? Foi ele?

_Nós dois queríamos, muito. A gente combinava, fazia planos... Todos achavam que daria casamento. Mas amor é sentimento mimoso, delicado, quando menos se espera, por uma bobagem...

_Verdade, Vó? Pensei que o amor era invencível, agüentava todos os repuxos da vida!

_O amor é forte mesmo, suporta quase tudo, até sacrifícios muito pesados. Mas, às vezes, por uma coisinha á toa...

_Como foi, Vó?

_Sabe, naquele tempo tudo era devagar. A gente se apaixonava, levava meses só trocando olhares, recadinhos. Quando por fim namorava, se encontrava tão raramente que nem conseguia trocar carinhos inocentes... Nunca namorados ficavam sozinhos, só noivos.

E, para noivar, cada um tinha que conhecer a família do outro, aprovar e ser aprovado.

Pretendíamos oficializar o noivado na Páscoa. No domingo de Carnaval me aprontei no capricho e fui conhecer a família do moço.

Jantar de cerimônia, porcelanas, cristais, receitas de família, pudim de ovos, balas de café. Gostei deles, gostaram de mim, ia dar certo. Estávamos radiantes, pisávamos nas nuvens.....

Durante toda a visita a irmãzinha, uma graça de menina, me vigiava com o rabinho dos olhos marotos, misteriosa. Não sei se criancice ou malvadeza, na despedida sussurrou ao meu ouvido, claramente:

"Você vai entrar na família, precisa saber um segredo: Meu irmão faz xixi na cama, todas as noites!"

Na Páscoa conheci seu avô.

FAZER 70 ANOS

Fazer 70 anos!

Não é bem um inventário de perdas e danos,
Embora os haja, pequenos pelo vulto da obra,
Ignorados, pela extensão do caminho.

Fazer 70 anos!

É´ mais um catálogo de ganhos e conquistas,
Bem sedimentados,
No amor perene do Amado,
Na família estruturada e feliz,
Nos amigos fiéis, aqui presentes,
No trabalho reconhecido,
No nome respeitado.

Fazer 70 anos!

Não é bem um viajar entre o já- foi e o não-será,
Porque o vivido foi bom, o porvir será talvez melhor.
De qualquer forma, passado , presente e futuro,
Ricos, cheios de um profundo sentido da vida,
E do papel pessoal no seu tecido.

Fazer 70 anos!

Uma vitória a mais, comemorada com a alegria,
De quem reparte as a sabedoria conquistada
E brinda, com a gravidade de quem sabe
Que se caminha sempre, até o último passo,
E pode convidar a renascer, a inaugurar, a estourar.

Ave, Nair! .

TENIS BRANCOS

TÊNIS BRANCOS

Metódica, organizada, todo final de tarde malhava na pracinha. Descansando, braços abertos, pernas estiradas, olhou as pontas surradas dos tênis brancos. Com surpresa, notou que o conhecido par não era simetricamente idêntico. Havia pequena diferença na posição dos detalhes amarelos.

Perfeccionista, como havia comprado tênis díspares! Calçava-os e descalçava todos as tardes, e não percebera! Estava cega? Era impossível!

Lembrou-se do estranho sonho da noite passada. Olhava-se no espelho, a imagem era sua figura real, porém aos dez anos, e duplicada: duas lindas meninas gêmeas, vestidas de branco, que só se distinguiam pelo penteado. Uma usava os louros cachos soltos, a outra, presos. Enquanto examinava o fato estranho, surgiu dentro do espelho, outra menina igual, de tranças.

Porque se lembrava desse sonho perturbador, o que tinha ver com seus tênis mal comprados? Voltou a olhar os pés, e já eram três, dois direitos e um esquerdo. Com pequenas diferenças entre eles.

Sonhava acordada, sobre o mesmo tema? Sofria alucinações? Enlouquecera? Perplexa, apertou três panturrilhas, flexionou três joelhos, apalpou três calcanhares. Absurdamente, pareciam reais, pareciam seus.

Levantou-se, o andar era leve, fácil, como sempre. Pronto, passou o susto! Estou normal!? Ainda não...

Olhou para baixo, os dois pés direitos ainda estavam lá, moviam-se sincronizados, alternando com o esquerdo, quase sem problemas. No terreno plano, o terceiro pé caminhava tão bem quanto os outros, mas tropeçava no meio fio, claudicava em qualquer irregularidade do chão.

Rumou para casa, depressa o quanto pode, medo de que alguém conhecido testemunhasse aquele horror.

Chegando, aflita, atrapalhou-se com a bolsa, as chaves, os óculos de sol, com os degraus nos quais o novo pé insistia em tropeçar.

Ofegante, deixou-se cair, exausta, no sofá. Demorou a recuperar as forças e normalizar a respiração. Finalmente levantou-se e, surpresa! A terceira perna tinha sumido, completamente. Tinha as duas lindas pernas de sempre, dois pés calçados em puro branco. Alívio!!! Em termos...

Afinal, foi o quê? Sua mente, crítica e minuciosa, montara uma assustadora cena de ficção. Não havia como fugir, seu cérebro exato delirara. Tão segura de si, tão concreta, surtara. Seus sentidos não mais eram confiáveis.

Decidida, resolveu. Amanhã, bem cedo, procuraria ajuda. Ninguém, além do neurologista e do psiquiatra, saberia desse transe ridículo.

Tiraria longas férias, trabalharia menos, sairia mais. Não admitiria outras miragens, visões, escapadas da realidade. Foi dormir decidida a ter, de novo e para sempre, os dois pés, só dois,

solidamente plantados no chão.

Manhãzinha, no degrau da frente, debaixo do jornal, encontrou um pé direito de tênis, surrado, branco e amarelo.

Vida Real

VIDA REAL

Adolescente, apaixonei-me pelo homem mais lindo do mundo,
que morava na esquina. Era o príncipe encantado,
em seu cavalo branco, ajaezado de prata.

O tempo passou , devagar, o príncipe me cegou para todas
as demais possibilidades.

Quando se apresentou a alma gêmea, que era minha
desde anterior encarnação, na península ibérica,
não dei atenção ao jovem portador dessa alma.
que se ofereceu, esperou, cansou, desistiu.

O tempo continuou passando devagar, inexorável.
Abriu meus olhos. Nivelou meu chão, onde não pisavam mais
príncipes, almas gêmeas, e fakes afins.

Como as demais mocinhas ajuizadas,
escolhi o que me agradou, entre os bons homens
que se agradaram de mim.

Fomos felizes, juntamos filhos , nora, genros e netos.
Celebramos Bodas de Ouro, ele nos deixou.
Sei que espera encontrar-me, em algum lugar.
Ainda feliz, entre os meus,
também espero encontra-lo em breve.

OLHARES

Olhares

Quando Maria tinha 13 anos, a família mudou-se para rua larga e clara, muito melhor que a viela triste de onde vieram.

Jantava-se antes das seis, as senhoras traziam cadeiras para conversar na calçada, os adolescentes flertavam, as crianças brincavam, a rua era das pessoas, raramente passava um carro. Não havia indústria automobilística nacional. Uma delícia.

Delícia maior era o vizinho da esquina, José, por quem Maria se apaixonou perdidamente. Não se namorava antes dos quinze, dezesseis. As famílias cuidavam, não existiam anticoncepcionais. Então foram anos de longos olhares, e longuíssima espera.

Em horas certas, com seu andar pausado, indo ao colégio, ou ao rio, José passava em frente à janela de Maria, que estudava em sua escrivaninha. E se olhavam por mais de meia quadra.

Em horas incertas, indo ao mercado ou à casa da avó, Maria passava embaixo da janela de José, que sempre a percebia. Não se olhavam tanto, mocinha caminhava voltada para a frente.

Nos fins de semana os jovens faziam o footing na praça da Matriz. Grupos de rapazes num sentido, grupos de moças no outro. A cada volta se cruzavam duas vezes, e se olhavam... olhavam...

Os olhos de Maria eram vivos e buliçosos, a face sorridente, a pontinha da língua se mostrando como se estivesse sempre a ponto de dizer alguma coisa. José era sério, calado, um pouco triste e o brilho líquido nos grandes olhos claros sugeria que talvez lhe fosse fácil chorar.

Quando finalmente namoraram, toda a cidade conhecia-lhes a paixão. Mais anos de amor paciente, não se casava antes da formatura. Juras, promessas, cartas, alguns beijos, raros abraços, era severa a moral dos anos cinquenta.

Um dia, depois de anos de longos olhares e breves carinhos, o amor acabou, como tudo se acaba nesta vida. Separaram seus caminhos em paz, ditas todas as palavras e as calmas despedidas. Maria casou-se com outro José, foi feliz, comemorou bodas de ouro, enviuvou. José escolheu outra Maria, ainda é casado e feliz, aos oitenta e tantos.

Cidades distantes, a geografia não ajudou. O acaso muito menos, ao longo de sessenta anos nunca se avistaram. A vida prega peças. De repente, em um velório, se esbarraram entre velas e flores. O ambiente fúnebre dissolveu-se com os olhares fundidos através dos óculos de grau. Também se dissolveram as rugas e as adiposidades, os anos e seus dissabores.

Em silêncio se olharam como antigamente, e por encanto aflorou o eterno carinho subjacente aos amores da juventude. Na tranquila segurança da velhice, sentaram-se num desvão discreto e gastaram a vigília comentando as lições do passado, as alegrias do presente, as graças dos netos. Tão absorvida na conversa, Maria sobressaltou-se quando alguém lhe pousou a mão no ombro. Vamos, mamãe, o cortejo está se formando.

Ergueu-se devagar, um pouco confusa. Na saída, ao assinar a lista de presença, a caneta tremeu-lhe na mão.

Meu filho, é José a pessoa a quem viemos sepultar?

Sim, Mamãe, você já sabia, foi quem me contou!

É verdade, mas não entendo... parecia tão real... Conversei com José, desde que chegamos até o momento em que você me chamou. E agora... Não posso entender!

O filho sorria, cheio da paciência tolerante com que se trata os idosos.

Pois eu entendo muito bem, Mamãe. Você sonhou! Cochilava, até se assustou quando a toquei.

No caminho de casa, acomodada no carro, Maria pensava como os jovens creem saber tudo, carregam pétreas certezas, enquanto os idosos consideram várias possibilidades, e confortáveis dúvidas. Por exemplo, os velhos, acreditamos possível que os mundos, assim como os tempos, às vezes se entrelacem... Que falecidos recentes perambularem um pouco entre nós, antes de partir...

Ao deitar-se, Maria agradeceu o dia vivido, e o doce sonho daquela tarde. Tão feliz, nem sentiu a parada cardíaca que a levou durante a noite.

A passagem, repentina mas tranquila, consolou os parentes. Também foi consolador Maria haver partido discretamente, tão logo começou a caducar.

Nove de maio

NOVE DE MAIO

Onde esteve você, amor da minha vida,
ao longo de dez anos ?

Só os despojos ficaram conosco.
A casca adorada, cinzas perecíveis,
depusemos ritualmente entre as raízes
da árvore que você amava.

Mas, e o alento? O sopro divino
que animou sua carne, e o fez ser quem foi?
Não admito que essas bolhas de infinito
se tenham desmanchado no ar,
ou congelado no éter, até o final dos tempos.

Procuro você nos traços
de filhos e netos...Eles se parecem,
mas não partilham a mesma essência,
a luz é outra.

Nas tábuas do assoalho busco passos,
vozes, risos entranhados nas paredes...
ecos... aromas fugidios... Não alcanço sequer
a leve fímbria da amnésia em que se esconde.

Nada sei da outra margem do Estige...
Nem ousar esperar que, em algum tempo,
ali nos encontremos.

Seria possível, talvez,
se você soubesse que existo...
Amor da minha vida,
você se lembra de mim?

ALMAS GÊMEAS

almas gêmeas

Aconteceu.

Meu amigo, excelente psicólogo e estudioso do Tarô, disse-me, com seriedade, diante das cartas na mesa: Cecília, seu marido não é sua alma gêmea.

Não? E essa alma gêmea existe, hoje? Sim, é um homem, mora em outra cidade e vocês já se encontraram, nesta existência. Em outra, anterior, viveram juntos, na Península Ibérica.

Sei quem é, foi. Lembro-me do mágico encontro na Barão de Itapura.

Quando conheci meu marido, companheiro por cinquenta anos, em um casamento, feliz e amoroso, creio que não éramos almas gêmeas, como fomos aos poucos nos tornando.

O conceito de almas gêmeas me encantou, embora não pareça indispensável para a vida, e talvez seja apenas mais uma lenda romântica.

É gostoso acreditar que há no mundo, na nossa era, uma pessoa criada para cada um de nós, que nem é preciso procurar. Os cordões imantados do destino arrastam o casal para o encontro. E pode até dar certo. Mais de uma vez!

Temos a confortável sensação de que o cosmos se preocupa conosco...

PRESENÇA

Presença

Nascemos, e logo alguém marca presença em nossa vida.

Leite, voz, sorriso, mãos e passos,
acostumamos-nos a senti-la perto.

O tempo passa, nosso universo se alarga, se povoa,
mas mãe é o nome mais chamado, a presença mais constante.
Maduros, temos ainda nela raízes fundamente plantadas.

Sem deixar de ser nós mesmos, somos muito do que ela foi.

Sabemos dar na sua medida, lutar , amar à sua maneira.

Olhamos a vida, um pouco, com seus olhos,
caminhamos muitos passos no seu ritmo.

Muitas e muitas vezes repetimos suas palavras, seus gestos.

Que presença temos sido, mães, nesses tantos anos , nos quais
os filhos nos olham, nos copiam, absorvem-nos as ideias,
e assimilam nosso comportamento?

Conseguimos ser a presença que, entre feras e vermes,
mostre as feições do homem?

Que, entre confusos e perdidos,
Mostre o caminho do homem?

ambição

AMBIÇÃO

Ganhamos! Depois da canseira da campanha, da excitação da vitória, falta só organizar a performance da posse.

Minuciosa, preparava-se. Esposa de político, vítima fácil de jornalistas e fotógrafos, tem que chegar impecável ao pódio de primeira dama..

Sim, conhecia o seu papel, estudara muito. Cursos de línguas, aulas de etiqueta. Livros de Glorinha Kalil na cabeceira, entre revistas de economia e grossos compêndios de arte, história, geografia.

O mais difícil do árduo programa que se impôs, desde que ficaram animadoras as chances de Pedro vencer nas convenções do partido, foi mesmo perder dez quilos.

Duas semanas de spa. Caro. Meses de malhação pesada. Duro. Nunca mais comida de verdade, farta, cheirosa, temperada. Absolutamente desumano.

Conseguiu, com persistência e disciplina. Não que fosse roliça, longe disso. Alta, linda, ossos fortes, carnes firmes. Mas...

Mas... primeira dama tem que parecer princesa, refinada. Jamais desejável, de encher os olhos. Até Evita, egressa dos cabarés portenhos, chegou ao topo com aura de santa. Nas democracias, primeira dama é a figura mais próxima da eterna Cinderela, seu sonho de menina.

Aos seus sonhos de princesa, faltava apenas o perfil. De plebéia o moreno dourado da pele, a massa escandalosa dos cabelos, as curvas memoráveis. Princesa, só com regime feroz. Fez. O que não faria?

Com o necessário sacrifício, esculpiu, centímetro a centímetro, a figura adequada ao sonho. Chegaria ao palácio irretocável, como seus ícones: Jackeline e lady Di.. Continuou linda, apenas acentuou-se a diferença entre beleza e esplendor.

O pior é que Pedro, talvez brincando, talvez cobrando, confessava saudades da mulher com quem se casara. Bobagem, o marido reconhecia seu esforço em merecer a posição que estavam, ambos, é claro, conquistando.

E isso, agora? Uma carta anônima empanando a alegria da vitória ?

Não pode ser. Engano. Alguém distorceu os fatos.

Não pode ser. Despeito. Alguma mal amada se ralando de inveja.

Não pode ser. Mentira. Vingança mesquinha de adversário derrotado.

Não pode ser. Nosso casamento é uma rocha. Será?

Não pode ser. Não mesmo? Todos prevaricam, é normal. E essas secretárias afoitas, se oferecendo o tempo todo?

Não pode ser... Pode bem ser. Coisas acontecem.... Temos que resolver isso!

Decidida, passou do susto às providências. Briga? Nem pensar. Caso mais para estratégias que escaramuças. Reconquistar posições, restaurar o equilíbrio. Já. Agora!

Conhecer o inimigo, saber com o que Pedro se encanta.

Oh! Meu Deus, será muito jovem? Oh! Essas moças em flor, alegria de meninas e fogo de bacantes?

Oh! Meu Deus, será muito linda? O que fazer diante de fêmeas deslumbrantes, que justificam qualquer tipo de loucura?

Oh! Meu Deus, será um moderno monstro da emancipação feminina, executiva culta, viajada, interessantíssima?

Realmente, ainda não esgotara todas as artimanhas da sofisticação, todos os recursos da estética. Capricharia mais, faria qualquer sacrifício.

No restaurante escolheu mesa pequena, discreta. Por ora, água tônica com limão e gelo. Esperança enorme que fosse apenas um trote maldoso.

Chegaram logo. Antes de vê-los, sentiu o frisson que percorreu o ambiente. Ah! Quantas vezes merecera essa deliciosa homenagem tropical! À entrada de uma bela mulher os homens se voltam, estufam o peito, encolhem a barriga, alteiam a cabeça, e corre um surdo rumor de fundas inspirações. Cessam conversas, tinir de talheres, acordes de piano, e, no minuto de silêncio de profunda reverência, a deusa passa.

O casal sentou-se perto, foco ideal para o exame implacável. Bonita? Sim, não muito. Nova? Nem tanto. Chic? Nada mesmo.. Alta e atraente, corpo perfeito de linhas suntuosas.

Oh! Meu Deus! Quantas vezes Pedro reclamara de sua mania de regime? Quantas vezes confessara preferir sua silhueta anterior? Impelida pelo modismo, cega pela ambição, ignorara o perigo. E agora? Agora, já, imediatamente, iniciar a fácil viagem de volta para o perfil preferido de Pedro.

Estudou o menu com carinho, jantou devagar, saboreando cada bocado com enlêvo de gourmet. Reencontrou prazeres perdidos : o aroma frutado do vinho, a vitalidade da carne vermelha, a textura aveludada do molho, a misteriosa alquimia dos temperos.

E quando, à beira do êxtase, seu olhar semicerrado envolveu ao mesmo tempo a sobremesa impecável e os ombros adorados do marido, soube que ganharia a batalha.

A face da rival foi desbotando, confundindo-se com a decoração do ambiente. Em pouco tempo tiraria do cenário essa figurinha perfeitamente descartável.

Agora, só falta mesmo planejar a performance da posse.

MENINO CHORANDO

MENINO CHORANDO

Acordou assustado, nó na garganta. Na semi vigília o pesadelo continuou: o poço na planura imensa, e a mãe estendendo-lhe os braços, do fundo da goela negra, sumindo, sumindo...

Despertou de vez, paralítico de medo. No aconchego de sua cama, Mamãe viria, com suas mãos de nuvem e sua voz de seda. Dorme, filhinho, dorme...

No quarto estranho, escuridão cheia de vultos e rumores, o medo sufocava. Tossiu, tossiu, dentro do travesseiro. Menino na casa dos outros não chora, nem tosse..

Quando Vovô vivia, podia pedir, perguntar.

_Que é de mamãe, Vovô?

_ No hospital, doente. Mas vai sarar, se Deus quiser.

Imaginava mamãe deitada em lençóis alvíssimos, um vai vem de enfermeiras silenciosas.

Que ela tem?

Tem o juízo perturbado. Precisa repousar, quieta, longe de todos nós. Também sinto falta, não podemos ajudar nada. Só esperar e rezar.

Quero ir lá. Não faço barulho, falo baixinho. Só quero ver, dar um beijo.

Não é bom, filho. Nem para ela, nem para você. Mamãe vai sarar, voltar para casa, vamos esquecer este tempo ruim.

Tossiu, tossiu, tossiu. O peito, a garganta, a cabeça, doíam, mas o pior era o medo. Medo de virar na cama, de puxar as cobertas, de olhar em volta. Mamãe trazia xarope, enrolava lenço com álcool no pescoço. Mas o que curava mesmo era a sombra vergada sobre a cama, o peso carinhoso das mãos, o acalanto suave: Dorme, filhinho, dorme...

Dormiu um pouco, sobressaltado, para sonhar uma aflição maior. Longe, sorrindo, mamãe esperava e ele corria, gritando de pura alegria. A visão demudando, e não era mais sua mãe aquele ser alheado e disforme, na camisola encardida. Parou ofegante, entre a solidão e o fantasma.

Queria esquecer a lembrança pungente da visita. Chegara ao hospital ansioso, mal se contendo de antecipação. Mamãe estaria magrinha, pálida, cheia de saudades. Ele sufocaria o desejo de subir no seu colo, pular à sua volta como um cabritinho doido.

A figura da louca fulminou-o como um raio. Atordoado, sem coragem de erguer os olhos, fixou-se nas mãos da mãe, soltas no colo. Não estavam loucas, eram as mesmas, macias e tranqüilas. Ao contrário dos olhos vagos, dos pés desgovernados, dos lábios frouxos, as mãos continuavam belas, e descansavam placidamente nos joelhos.

Quem sabe elas fossem refúgio, ilha, oásis, no corpo destroçado. Quem sabe, enquanto a doença fora tomando o corpo, a mãe recuara até ficar todinha concentrada nas mãos. A despeito da fealdade do resto, estaria ali, serenamente residindo nas próprias mãos, enquanto o corpo não a merecia. Quando sarasse, mamãe se alastraria de novo para o corpo todo, e seria linda e boa,

como antes.

Acariciou timidamente as mãos, encostou-as nas faces, nos lábios, mendigando um afago consciente. Não. Não estava nas mãos. Nunca mais, em seus pensamentos, poderia localizar a mãe que fora sua. Ausente de si mesma, onde estaria?

Tossindo de novo, chorou perdidamente pela noite adentro, um pranto fundo de soluços espaçados.

.....
Margarida, vem conversar comigo...

--Margarida, tenho saudades do meu filho. Você tem filhos, Margarida? O meu tem cinco anos e está sozinho nesta noite comprida. Abandonei meu filho, como dói.

Ainda não, Margarida, tenha pena. Deixe-me aproveitar este momento bom de pensamento limpo. Deixe-me aproveitar a luz para pensar no meu filho, para sofrer com ele. Depois tudo se mistura, não encontro mais sua figurinha amada. Perco meu filho de novo, como dói!

Ele é tão pequeno e sensível! Agora, na entrada do inverno, costuma adoecer, tem pesadelos e demora a dormir, tossindo, tossindo.

Não, Margarida, não, ainda não. Veja como estou falando bem, calma, como todo o mundo.

Meu filho chora e não chama ninguém. Ouço seu pranto, sinto seu medo. Não é o sangue que me lateja nas veias surdamente, são seus soluços ecoando no meu corpo. Seus soluços batem nos meus pulsos e não tenho mãos de carinho. Seus soluços batem na minha garganta e não tenho voz de consolo. Seus soluços batem nas minhas têmporas e não tenho lágrimas para chorar com ele. Meu filho chora sozinho, sem mãe que o embale. Meu filho chora em outro mundo, Margarida.

Conheço tudo aqui. Em pouco você me aplicará um sonífero. Quando despertar, terei perdido meu filho. Tive um encontro breve, e ele estava chorando, meu filho órfão chorando na noite.

Dorme, filhinho, dorme...

CASTRO ALVES

Castro Alves

Para Chico Lino

Sempre gostei de poesia. Menina ainda, declamava os longos e tristes poemas da moda, mas não os apreciava. Foi quando descobri Castro Alves, que não chorava, nem se lamuriava. Atrevido, bramava contra a escravidão e exaltava seus ardentes amores. E era lindo, olhos sonhadores e melenas de poeta. O primeiro homem que me chamou a atenção, antes que eu encontrasse o amor.

Foi idolatria, decorei todos os seus poemas, soluzei quando li que morreria jovem, aos 24 anos, das complicações de um tiro no pé.

Então, apaixonei-me, de verdade, sem esperança, pelo homem mais lindo do mundo, que morava na esquina. Milagres acontecem. Quis a sorte, madrinha, que o lindo gostasse de mim, afinal.

Um dia meu príncipe, entre tímido e vaidoso, confessou que, na solidão das barrancas do rio, inspirado pelo luar e pelo suave influxo da primavera, tinha me composto um poema! Seria o primeiro, talvez único, escrito só para mim!

Um ramo de rosas vermelhas, uma joia de ouro, uma serenata de violinos, seriam pífias oferendas diante da maravilhosa originalidade de um poema todo focado em mim. Aguardei com sofreguidão. Eu, que nunca recebera sequer um correio elegante nas quermesses da Matriz...

Meu Deus! Poema longo, romântico, decassílabo, acentos na quarta e na décima. Vocabulário rico e antiquado, normas poéticas perfeitas. Menos onde meu nome se destacava: três sílabas, num espaço no qual só caberiam duas, estropiando os versos!

Erro tosco em poema perfeito? E o sabor de século passado? E aquele ritmo, tão meu conhecido? O nome do poema é "Não Sabes". Eu sei! Eu sei! De cor, há anos! É de Castro Alves.

Ofendi-me com a mentira deliberada, chorei de raiva. Esse pseudo bardo também se deu um tiro no pé : tentou me encantar e me desencantou para sempre, com gigantesca decepção.

E quem morreu, das complicações desse tiro no pé, foi a luminosa magia do primeiro amor.

Ostra

Ostra

Foi com teus olhos ardentes que me amaste.
Recolhidas as mãos, bem longe os corpos,
com suas poderosas exigências.

Foi com tua voz respeitosa que me amaste.
Escolhidas, medidas palavras, vibrantes
de secretas ressonâncias sensuais.

Foi com tua presença fiel que me amaste.
Discreta, ao meu alcance, e tecendo
nossa atmosfera cálida, pulsante.

Que submissão perversa
a tolas conveniências
e vãos preconceitos,
me fechou ao teu amor,
como uma ostra?

Foi como te perdi.

MAKTUB

MAKTUB

Aos dezessete me apaixonei por um colega. K tinha os olhos magníficos e os nobres sentimentos da gente árabe. Não vem ao caso, hoje, porque não deu certo, naquele tempo. Ambos sofremos, tudo passa... Perdemos as coordenadas um do outro, a vida seguiu seu curso.

Meio século depois, um dos poemas que lhe fiz foi escolhido no programa "Poemas nos ônibus e nos trens", e circulou por um ano em Porto Alegre. Recebi o livrinho e o cartaz do poema. Em vão procurei K pela internet, na sua cidade de origem, para enviar-lhe o cartaz. Uma lembrança...

A vida rolou mais muitos anos, a comunicação se expandiu, a pandemia nos segregou. Arrumando gavetas, encontrei o cartaz. Procurei mais, localizei sua gentil sobrinha, que me deu notícias: K falecera há vinte anos, repentinamente. Das três filhas de K, a do meio se chama Cecília. Uma lembrança...

Soube, com surpresa, da homônima. Nunca penetrei nos arcanos de K, nem mesmo quando convivíamos na mesma sala. Não o conhecia bem, não tenho direito de imaginar coisas. Tudo o que deixamos para trás se perde nas areias do tempo. Maktub!

Tempo

TEMPO

O tempo corre veloz, separa ou une
ao sabor das circunstâncias.

Tu és cinza, hoje.

A mulher velha que sou agora,
te ressuscita, jovem e belo,
todos os dias.

Para ti, redivivo, escrevo poemas,
tentando te afastar do olvido,
por algum tempo.

Vida pobre e curta, essa que te dou,
mas teu coração ainda pulsa,
no meu papel.

Quando meu nome afundar
no esquecimento, tu vais comigo.
Juntos, outra vez.

EU, COMIGO

EU,COMIGO

Ah! O isolamento da pandemia!

Explorei, longa e profundamente, meus arcanos mais secretos. Recuperei doces e picantes lembranças perdidas nos tempos vazios desperdiçados com ninharias.

Descobri que as circunvoluções do cérebro são minas onde podemos garimpar tesouros antigos, trocados por badulaques, quando foram nossos.

Fiquei sabendo que o coração abriga, nas suas quatro cavidades, grandes emoções, que esquecemos sepultadas na ganga e agora são pepitas cintilando na bateia.

O corpo todo guarda mistérios e recursos. Um tinido de cristal, uma voz grave, um dobre de sinos, longe, despertam filigranas escondidas nos labirintos dos ouvidos.

A extensa pele tem, tatuadas em seus milhões de células, a memória de toques e pressões, carinhos e afagos, desejos e suspiros.

Aroma de suor recente, cheiro de pão fresco, salsugem do mar, são levados à mente, e às gônadas, por narinas sutis.

E os olhos? Mesmo míopes, atentos, percebem o amor no aceno de um lenço, no centro carmesim de uma rosa, nas estrofes de poema quase esquecido...

Oh! Senhor!

Que crueldade tirar-nos, tão cedo, o ardor da juventude, e conservar-nos, até tão tarde, o tormento da saudade!

Agro

AGRO

O homem se espreguiça, esfrega os olhos,
abre a janela, agradece à alvorada,
que se anuncia no leste.

Lava o rosto na água fria,
sorri estremunhado para a mulher
que esperta as labaredas no fogão de lenha.
Agradece o cheiro do café,
o canto do galo, o risonar das crianças.

Calça as botinas pesadas, chama o cachorro,
Pega a marmitta, levanta a enxada.
Tardezinha volta, se lava,
sorri para a mulher no tanque,
afaga os meninos no terreiro,
guarda a enxada até amanhã.

Todos os dias vigia: a semente brotando,
a planta que viça, a espiga que se curva,
loura e pesada, cheia de sol e de vida.
Todos os dias vigia: os caprichos da chuva,
o crescer de ervas daninhas, a invasão dos insetos.

O alimento que ele arranca da terra
nós consumimos distraídos, apressados, preocupados
com as calorias de meio pãozinho francês.

ADEUS À INFÂNCIA

ADEUS À INFÂNCIA

Meu melhor amigo de infância foi uma menina, Fê.

Cabelos curtinhos, magrela, atrevida, quase um moleque. Chutava, brigava, xingava como os outros, enfrentava qualquer de nós, na corrida, no drible, nas disputas.

As notas de Fê eram, de longe, melhores que as nossas. Se algum dos meninos tinha ciúme, inveja, despeito, por Fê ombrear conosco, parava aí. Véspera de provas ia a turma inteira estudar com ela, que sabia tudo e tinha os cadernos mais completos da classe. Afinal, um pouco mais, um pouco menos, todos éramos dependentes de Fê.

Eu era o especial, o amigo, quase irmão. Com as figurinhas, trocávamos também confidências, sonhos e projetos. Por muitos anos, juntos descobrimos o mundo, juntos acalentamos as imensas ilusões e descarregamos as enormes raivas da nossa idade.

Nem reparei quando Fê ficou mais alta e deixou crescerem lindos cabelos louros. Mas quando, na camiseta apertada, apontaram uns seios redondos, escandalosos no corpinho magro, quando a boca malcriada amaciou, estranha no rosto miúdo, me afastei. Não podia ser meu amigo alguém que ostentava peitos de mamilos duros, e lábios separados por uma pontinha túmida de língua.

Fê, marota, fingia não perceber o meu enleio, o rubor no rosto, o volume indiscreto nas calças justas. Ma, aborreci você? O que eu fiz, o que deixei de fazer? Não é mais o meu amigo? Fê cobrava as minhas fugas. Exigente, não desistia, nem aceitava a distância entre nós.

Dia de chuva forte, nos abrigamos os dois num desvão estreito, onde mal caberia um. Dona de um tremendo feeling para tirar proveito de situações, deu-me o xequete-mate.

Agora, Ma, se você ainda for o meu amigo mais querido, o meu irmão de coração, vai me dizer, com todas as letras, por que foge de mim. Agora.

Assim, na cara limpa. Era o jeito dela. Sem escape, me abri. Fê, é esse seu corpo, são os cabelos, a boca, os seios. Eles me perturbam, não me deixam pensar, não me deixam dormir, poxa!

Normal seria Fê retrucar logo, desabrida, cheia de exclamações. Não foi assim. Pensativa, demorou a responder, escolhendo cada palavra com cuidado.

Pois é, Ma. Tenha paciência com essas coisinhas. A gente cresce, muda, você tem que acostumar. Acaso reclamei de sua voz, de bode rouco, de suas pernas cabeludas? Acostumei... Mas, saiba você, estes seios a mim também incomodam, me atrapalham, não sei bem o que fazer com eles... Olhe...

Calma e simplesmente abriu a blusa, desvelando as conchas de leite e nácar. Você é o primeiro que os vê, não os mostrei nem à minha mãe... nem à minha irmã... É segredo nosso, de amigos até a morte... Só nosso... Fê, sempre senhora de si, de olhos muito abertos e parados, ofegava levemente.

Meu sangue, circulando veloz, concentrou-se no púbis latejante. Não fui eu, aturdido, quem abriu o zíper do jeans. Foi uma força antes desconhecida, o orgulho do macho, que exibiu o falo em riste. Jamais tinha sido visto, assim, por pessoa alguma.

A chuva passou. Mais tarde, no espelho do banheiro, encontrei uma face nova, forte, penugem de buço sombreando o lábio, pômulo de Adão avultando sob maxilares angulosos. Rosto de homem, menino de ontem.

Nunca mais contemplei os seios de Fê, nem ela a minha virilidade. Aquele breve momento tornou-se nosso segredo, tão precioso naquele tempo, que mencioná-lo já seria sacrilégio.

Continuamos inseparáveis, irmãos de fé, até a maioridade, quando a vida nos distanciou para sempre.

Todos são suspeitos...

TODOS SÃO SUSPEITOS...

Se o início de um novo ano nos leva a contabilizar acertos e erros do anterior, e traz novas esperanças e projetos, que dizer de uma década? De um século, quando se analisa os acontecimentos numa escala global? No limiar do milênio somos levados a pensar em toda a história da humanidade, nos últimos dois, três, dez mil anos..

Nessa linha de pensamento, o Museu Histórico Nacional organizara uma importante retrospectiva, exibindo desde reproduções de desenhos rupestres da pré-história até fotos tridimensionais de conquistas espaciais. O mais importante da mostra era o conjunto de valiosos trabalhos de arte de outros países e épocas, conseguidos por empréstimo através de convênios com grandes museus e colecionadores. Esse empreendimento exigiu severo treinamento dos funcionários e renovação total do esquema de segurança, já que era esperado um número de visitantes muito maior que o habitual.

O diretor dedicou-se ao treinamento dos vigilantes. Invariavelmente começava as preleções com seu postulado universal: Ninguém é inocente, até que se prove o contrário. Todos, absolutamente todos, são suspeitos.. A violência não havia atingido os níveis assustadores dos nossos dias, mas sempre houve espertos para roubar preciosidades, vândalos para cortar telas, loucos para se matar diante de estátuas milenares. Debaixo da batina dos padres, da saia das velhinhas, na bolsa das madames, na mochila dos estudantes, podem se esconder equipamentos de última geração que põem em risco o patrimônio do Museu, e as obras emprestadas.

_ Sr Luís, chegou a senhora das quartas feiras...

_Verificou os documentos?

_Sim, senhor. E liguei para Polícia Federal . Os dados são: Paulina Bohemer, nascida em Bonn, Alemanha, aos 12 de setembro de 1922. Imigrou para o Brasil em 1944, durante a guerra. Viúva de Jacob Rosenfeld, morto na Polónia em 1943. Sem família, vive modestamente, ensinando piano e canto, em pequena cidade vizinha . Nenhuma anotação mais.

_Vou falar com ela. Estranho, nunca nos havia visitado, e de repente, vem todas as semanas, sempre no mesmo dia, dirige-se sempre à mesma sala, senta-se sempre no mesmo banco, demora-se horas imóvel no mesmo lugar... O que a traz aqui ? O que há naquela velha bolsa preta?

_Com licença, D. Paulina, posso sentar-me? Sou Luís Wurthmann, diretor do Museu. Desde a inauguração desta ala, vejo a senhora aqui todas as quartas...

A senhora, beirando os oitenta, elegante apesar da modéstia, levantou os olhos azuis, um pouco embaciados. A voz soou agradável, modulada. _À vontade, Sr. Wurthmann, muito prazer, sente-se. Então o senhor sabe o meu nome? Fiz alguma coisa irregular?

_Não senhora, imagine! É que costumamos entrevistar os visitantes habituais, ouvir suas opiniões, sugestões, talvez críticas... Por que a senhora frequenta o nosso museu? A senhora é artista, conhecedora de arte, marchante?

_Não, Sr Wurthmann, só conheço bem música, entendo muito pouco de artes plásticas. Venho porque gosto muito daqui. É o lugar onde costumo me entregar às recordações felizes da minha juventude...

_D. Paulina, a senhora me desculpe... (não conseguiu evitar um laivo de ironia). A senhora

está me dizendo que vem aqui semanalmente, viajando cem quilômetros, só para recordar? Apreciamos a sua visita freqüente, ela nos honra, mas não seria mais barato, mais confortável, recordar no sossego de sua casa? -

-Sr. Wurthmann, vou lhe explicar. As pessoas idosas viajam gratuitamente nos ônibus intermunicipais. O Museu trouxe obras novas, de grande valor. E, às quartas feiras, o ingresso é livre... A senhora se exprimia bem, educadamente, a pronúncia um pouco carregadana os erres. Mas a expressão de descrença do diretor pareceu alterar-lhe a compostura.

Levantou-se, empertigada. Tinha um belo porte, e a indignação lhe faiscava nos olhos. Arregaçou a manga da blusa e exibiu um longo número tatuado no antebraço _O senhor já viu um desses, Sr. Wurthmann? O senhor sabe o que foi a segunda guerra mundial? O senhor ouviu falar de Dachau, Treblinka, Auchwitz? Nas câmaras de gás do Holocausto, morreram meu marido e meu filho... Dentre milhares de judeus assassinados impiedosamente, eu me salvei...

Apontando o soberbo nu que visitava todas as semanas, disparou:Essa sou eu, fui eu. Esse foi meu corpo, ao qual devo a vida. O que me salvou não foi o rosto bonito, a voz de cantora lírica, que os alemães apreciavam tanto... Mulheres mais lindas foram mortas... Grandes artistas foram mortos... Crianças foram mortas...O que me arrancou do horror dos campos de concentração foi esse corpo que está aí. Tirou-me da Europa arruinada, trouxe-me para o Brasil.

_Essa tela é o divisor de águas da minha vida. Foi pintado por meu marido e nos foi tirado com tudo o que possuíamos. Fui amada, honrada, rica e feliz até o momento em que a SS arrancou esse quadro da nossa parede. Por essa tela venho aqui, recordar o que perdi. Ela me devolve por algumas horas as lindas lembranças da mocidade, a saudade da minha família, as imagens do meu país, os sons da minha língua... E principalmente, me faz agradecer a incrível ventura de estar viva, neste país cheio de sol, onde a guerra nunca passou.

Foi embora sem olhar para trás, nunca mais voltou. Luís acompanhou-a até a saída, desmanchando-se em desculpas, sem receber um olhar.

Luís ficou mal, o holocausto o perturbava. Descendente de alemães radicados no Brasil desde o segundo império, criara-se ouvindo terríveis notícias da perseguição sofrida por amigos da família. Na adolescência lera vorazmente sobre os horrores do nazismo. Até hoje, de alguma forma se sentia culpado pelo na história de sua gente. Ninguém é inocente...

Sentou-se pesadamente no mesmo banco, contemplou os vinte anos de D. Paulina, O pintor, magistral e apaixonado, conseguira, com a alva pele iluminar a tela escura, e fazer com que a perfeita harmonia das curvas despertasse, mais que o instinto, o nobre sentimento de enlevo e gratidão existência de tanta beleza. Compreendeu a sobrevivência da senhora. Que homem monstruoso aceitaria destruir essa maravilha da natureza?

Luís só conseguiu esquecer D. Paulina com seu longo número marcado a fogo, porque, realmente, às vésperas do novo milênio, a segurança do Museu estava assoberbada de trabalho.

Na meia noite do dia 31 de dezembro a tradicional festa pirotécnica foi deslumbrante, inesquecível. Toda a população ajuntou-se na praia, esperando raiar o primeiro dia do milênio, durante horas espoucaram rojões e morteiros, fogos de todas as cores encheram o céu. Com os estrondos, os vivas, os cantos, não se ouviu explodir uma bomba de fabricação caseira contra uma janela do museu. Descoberto o estrago na manhã seguinte, veio a polícia técnica, fotografou-se tudo, verificou-se o inventário das obras,

As câmaras não haviam sido danificadas, a filmagem provava que ninguém entrara pela janela destruída. Além disso, não havia pegadas, nada faltava, os prejuízos foram de pouca monta. Como não houve roubo, nem invasão, o inquérito foi arquivado e o caso atribuído a molecagem de desordeiros.

A ala atingida foi fechada, os quadros levados para o grande depósito debaixo das escadas, onde imediatamente se iniciou o trabalho dos melhores moldureiros e restauradores. Uma eficiente equipe de construção começou a azáfama de cal, tijolo, tinta e vidros, com a intenção de reabrir a nova ala no menor tempo possível.

Na reabertura descobriu-se o verdadeiro prejuízo. Durante os trabalhos da reforma a segurança se concentrara nas salas antigas, abertas ao público numeroso, descuidando-se um pouco da ala em obras. Desaparecera inexplicavelmente do depósito uma tela., Exatamente o nu de D. Paulina.

Desconfiado, Luis foi com sua equipe, à cidadezinha onde a senhora residia. Soube que, na mesma data em que estivera pela última vez no museu, fora internada com grave problema cardíaco. Ao se recuperar escrevera, na letra estreita e pontuda dos alemães, uma curta e gentil carta à sua amiga locadora. Oferecia seus parcos bens como compensação do último aluguel, agradecia e comunicava sua transferência para uma casa de repouso gratuita, mantida pela colônia judaica.

A vizinha exibiu a carta, abriu a modesta casa de fundos onde residira D. Paulina, permitiu que os seguranças revistassem tudo cuidadosamente. Na mais perfeita ordem encontraram o quarto, quase uma cela de mosteiro, a saleta onde dava aulas num pequeno piano. Não havia quadros, objetos de valor, nem lembranças do passado. Amargamente Luís considerou que os fugitivos chegam sempre de mãos vazias, e suas desconfianças se desfizeram.

Todas as pessoas que trabalhavam no Museu ou tomaram parte na reforma, assim como os visitantes que tinham qualquer senão na ficha policial, foram interrogados exaustivamente. O pobre Luís prestou inúmeros depoimentos. Apesar das diligências policiais, nem rasto do quadro, que no fim do semestre deveria ser devolvido para Munich. Realmente, um sério problema, internacional. O sumiço de uma obra catalogada não se resolve simplesmente com desculpas, seguro e indenização

Quase no fim do prazo Luís recebeu um envelope sem remetente, contendo um cupom amarelo e a seguinte carta, escrita em conhecida caligrafia, fina e pontuda.

Sr Wurthmann

Devo-lh explicações. Em certa ocasião, alterei-me e fui indelicada, quando o senhor apenas fazia o seu trabalho. Queira me desculpar. As amargas recordações que desatei em sua presença fizeram-me mal, adoeci seriamente. As enfermidades nos dão oportunidade de pensar muito. Lembrei-me da nossa conversa, percebi como o senhor estava certo ao me recomendar que cultivasse em casa minhas recordações. Tratei de fazer isso.

Já não me resta muito tempo, quero reparar os problemas que lhe causei, tomando por empréstimo uma tela que, afinal, é minha. O senhor vai encontrá-la, em perfeito estado, no depósito de bagagens da Estação Central, e poderá retirá-la com o cupom anexo.

Cordialmente,

Paulina Bohemer Rosenfeld.

Luis Wurthmann guardou a carta, com um sorriso. D. Paulina estava certa, sempre fora a dona da tela.

E confirmava seu axioma: Ninguém é inocente, todos são suspeitos...

Espera

Como todos, ignoro a data limite da minha existência. Sei que é o dia de receber, em forma de descanso, a última benção da vida.

Há tempos me afastei de credos e dogmas. Guardo-me toda para o mistério, impenetrável e ao pelo tosco conhecimento humano. Enquanto espero, me agrada prefigurar a última participação na história da família.

Diante as velha casa da fazenda avulta enorme figueira branca, onde, um dia, serão depositadas minhas cinzas. Será no fim da tarde, quando o sol estende longas sombras por baixo do arvoredor, as aves se aninham, corolas se fecham para a noite. Parte da natureza se recolhe comigo, enquanto, no céu pesado piscam tímidas estrelas.

O solo onde me encontro, sagrado como qualquer campo- santo, é o mesmo chão onde brincaram nossos filhos e, anos antes, o pai deles. Suas risadas estão escondidas por dentro das cascas das árvores, os passos se misturam às raízes da grama verde.

Sou agora aquela mancha clara, na sombra da figueira, estou em casa. A chuva da madrugada reaparece e, em pingos grossos, me vai misturando à terra. Volto ao barro ancestral?

Alguém reluta em lavar a mãos que tocaram minhas cinzas.

Alguém depos uma flor sobre meu pó.

Alguém tangeu o sino. O bronze espalha no ar lavado ondas de som, longe longe. Ouso crer que me despeço.

Tudo está no seu lugar. Eu estou no meu lugar.

Graças a Deus, graças a Deus.

Para Sofia Bottino Lopes, minha neta

Sofia,

Acabo de saber que surgiu um divisor de águas na sua vida, e na minha também: Antes e depois do primeiro filho; antes e depois do primeiro bisneto.

Tiro da prateleira a linda Matrioska, com a qual você gostava de brincar, abrindo o seu ventre bojudo e encontrando lá outra boneca igual, encaixadinha. E, dentro dessa segunda, uma terceira, e depois uma quarta, uma quinta, uma sexta, um não acabar de bonecas dentro de bonecas.

Enfileiro carinhosamente, em cima da mesa, as quatro primeiras: eu, bisavó, sua mãe, avó, você, mamãe e a criaturinha esperada. Abaixo de mim, três gerações. Já me sinto uma quase Matrioska.

Obrigada, Sofia.

Essas bonecas, na sabedoria do folclore russo revelam um detalhe comovente: elos que somos na infundável corrente das gerações desde o começo até o fim dos tempos, já nascemos trazendo os óvulos que formarão nossos futuros filhos. Quando você ainda dormia, no escurinho do ventre de sua mãe, esse filho que agora se revela, já esperava um encontro de amor para vir a ser. Não é maravilhoso que a natureza preparasse a existência de seu filho antes de você sequer haver sonhado com isso?

Imagino você, ainda esbelta, estranhando as outras pessoas não saberem do segredo precioso que guarda debaixo do coração, desejando que a barriga cresça e se projete logo, para todos saberem, enlevados, que vai ser mãe em breve, e oferecer à família e ao mundo, um presente de valor incalculável.

Imagino você, os olhos marejados, diante da tela do ultrassom, vendo pulsar, como uma estrela, o minúsculo coração de seu filho. Colocando, no porta-retratos, à cabeceira primeira foto do perfil, pensando nas feições que terá, com quem se parecerá.

É tão bom saber o sexo e escolher o nome antecipadamente, para se ter a ilusão de conhecer o bebê. Por mais que se sonhe, ele será sempre uma surpresa, uma incógnita, melhor do que poderíamos desejar

Imagino você no momento glorioso do primeiro choro do seu filhote, partilhando a onda de emoção que inunda a sala de parto. O mistério do nascimento, carregado de significado que ultrapassa nosso entendimento, toca o mais fundo do nosso ser. As crias humanas são frágeis, dependentes, mais que as de outros animais. Chegam, tomam conta de nossa casa, do nosso tempo, de tudo que temos e somos.

Enquanto pequenos, passamos anos olhando para baixo, sentadas no chão, curvadas para ficar à altura deles. Adultos, cuidam de nós.

Haverá ventura maior na maternidade que olhar para cima para falar com os filhos? Em todos os sentidos.

O tempo passa depressa, eles crescem, em pouco descobrem os recantos da casa, a porta da rua, as estradas do mundo, tornam-se nossos companheiros nesta vida e muito, muito mais: nossos futuros companheiro de eternidade.

CARTA EXTRAVIADA

Como sinto a sua falta! Durante o dia o trabalho me ocupa, o tempo é curto. Mas a noite é muito longa e muito triste sem você.

Veza por outra, de tardezinha, os ajudantes param no meu rancho para dois dedos de prosa e de caninha. São homens simples, rudes, muito sábios, conhecedores do lugar, do rio, dos bichos, dos perigos. Contam casos, uns pitorescos, outros tristes, alguns incríveis.

Acreditam em lendas, entes, rezas, esconjuros. Presto atenção, quero respeitar o mundo deles, onde agora vivo. Com a mesma seriedade com que me alertam contra redemoinhos do rio e tocaias de onças, previnem contra o Caipora e o Boi-Tatá. Principalmente, contra o canto feiticeiro da Uiara, que atrai para a morte certa homens de todas as idades. Você gostaria dessas conversas sossegadas, ao pé do fogo. De conhecer mitos e causos do sertão. Organize-se, é quase impossível, mas se você viesse passar alguns dias... seria o paraíso.

Na verdade, isto é o paraíso. O bíblico não poderia ser mais majestoso e arrebatador. O rio profundo e largo, que esconde a outra margem, a muralha impenetrável da mata, o alto céu coalhado de estrelas. Tudo tão desmedido e maravilhoso que nos obriga a aceitar, de bom grado, a pequenez do homem no universo. É como se estivéssemos na aurora do mundo, o mistério latejando dentro e fora de nós.

Percebo, claramente que, entre o sertão e a cidade, nos movemos em espaços diferentes. Nos grandes centros urbanos perdemos o contato com o chão. Estamos separados dele por andares e andares, ou, pelo menos protegemos os pés com assoalho, carpete, sapatos e meias. Perdemos o contato com a atmosfera, dela nos isolam paredes, cortinas, roupas, ar condicionado. Perdemos o contato com os ciclos da natureza: Ao amanhecer, dormimos, ao anoitecer, trabalhamos, nos divertimos durante a madrugada. Minha querida, é preciso que venha, quero lhe mostrar a natureza em estado bruto, a água escura do rio, os cheiros do ar limpo. O rumor dos bichos, o frio delicioso da noite, tanta coisa...

Reli o escrito, pareceu-me que critico, reprovoo, nossa vida civilizada. Não é isso. O mundo e a história não andam para trás. Só vivemos bem adaptados ao nosso meio, perfeitamente de acordo com o lugar e a época que nos couberam.

Mas aconteceu que este garimpo, tão longe de casa, tão dentro do mato, me imergiu em outro espaço, antigo e simples, com poucas normas, muitos perigos e alguns segredos. Diferente de nosso habitat programado e confortável, regrado e previsível. Nem um, nem outro são seguros, mas as ameaças são diferentes, assim como as conquistas. Foi difícil acostumar, e o corpo se adaptou mais depressa que o espírito.

É bom banhar na correnteza, caçar e pescar para comer, reconhecer as vozes dos animais, acompanhar o rasto fresco de um bicho. É bom trabalhar até a completa exaustão. E, à noite como um eremita, ficar completamente só com meus pensamentos, planos e lembranças.

É nessa hora que você mais me falta. Lembro-me dos nossos momentos e, de repente ouço, nítida e doce, sua voz chamando. Ergo-me de um salto, tenho a ilusão de vislumbrar a seda clara de um vestido sumindo no arvoredo. Quase enlouqueço de saudades.

Nas cercanias há raros moradores, e de pouca prosa, gostaria de conversar mais.

Comecei a falar com os bichos, não é novidade, sempre conversei com meu cão. Agora tenho longos papos com bichos de pelo e penas, de couro e escamas. Outro dia, um pouco grilado, senti um enorme jequitibá se comunicar comigo, sem palavras. Gostei, agora falo também com árvores e já olho as pedras como possíveis interlocutores...

Conheço você, minha querida, posso imaginá-la, narizinho franzido, comentando, entre ácida e divertida: Então, meses de mato transformaram meu sábio engenheiro em capiau natureba?

Ainda não, mas estou dividido em dois, como na história do médico e o monstro. Sou um no sertão, com sentidos e instintos sempre alerta, outro na cidade, com raciocínio e civilidade prevalecendo. Nos dois ambientes sinto-me estranho, incompleto, fora de lugar. Nada tenho a esconder, ao contrário, abro-me para você me entender, contemplar minha nova face. Atormenta-me pensar como ficará desfigurado o nosso amor, se você me conhecer só pela metade! Falo, me explico, me revelo, mas se você não vier aqui, e mergulhar neste éden primitivo, nunca compreenderá.

Coisas acontecem às margens dos grandes rios, eles têm sortilégios. Começou assim. Veio, em noite de lua, deslizando pelo rio, uma cantiga dolente, nem triste, nem alegre. Apenas uma jovem voz feminina, totalmente impossível nesta solidão. Perto não há vilarejos, não há mulheres, e dista muitas léguas o pequeno aldeamento.

Eu já ouvira a lenda da Uiara, a alva mãe d'agua de olhos dourados, que seduz pescadores descuidados, e canta em noites de lua, penteando longos cabelos verdes. Mudei bastante, mas ainda não creio em mitos. Só poderia ser o vento, trazendo o som de muito longe.

Na outra noite a mesma lua, a mesma cantiga, mais próxima. A voz muito suave, a noite perfumada... E, nas outras noites a mesma toada, cada vez mais perto, ressoando longamente, como um chamado. Na última noite clara parecia vir do atracadouro. Do alto do barranco vislumbrei uma figura esbelta de mulher, nua, com uma flor nos cabelos. Busquei o binóculo, mas só vi o barco vazio, oscilando depois de um mergulho. E a flor, grande e branca, balançando ao sabor das ondas.

Entrou o quarto minguante, a toada cessou. Era a Uiara, que só canta em noites claras? Chegou a lua nova, depois a crescente, nada de cantigas. A magia acabando voltei a dormir melhor, o serviço a render. Mas contava os dias, examinava o céu, ansioso pela lua cheia.

No plenilúnio a cantiga voltou, muito perto do rancho, e alguém deslizou para dentro, queixando-se com voz de mel e pétalas: Eu te chamei tanto...tanto... tanto...

Estou vivo, cheio de dúvidas. Existem Uiaras de cabelo negro? Se era uma delas, como sobrevivi? Se era humana, de onde surgiu a moça, para onde sumiu? Ou não aconteceu nada, sonhei, delirei, fiquei lunático?

Amada do meu coração, desconfio seriamente que viver só me perturba o juízo. Preciso que você venha, com urgência. Dê um jeito, tire férias, tome um avião. Venha!

» Tem que ser logo, antes que se erga de novo a lua cheia.

MEDIEVAL

Dez anos de casada, nem filhos nem orgasmos. Merg sabia de mulheres felizes com seus homens, e de outras que não gostavam de sexo, mas se realizavam com os filhos que ele produzia. Merg não se parecia com elas. Não se alegrava, nem queixava. Considerava a rotina conjugal como mais uma das intermináveis tarefas domésticas. Sofria muito por ser estéril, invejava as barrigas prenhes, e os lindos filhos das vizinhas

Merg não se alegrava, nem queixava. Considerava suas obrigações conjugais como parte da infundável rotina doméstica.

De Josh, não sabia se gostava de estar com ela, se queria filhos. Era homem de poucas palavras, sorriso nenhum. Cumpria seu papel, de vez em quando procurava a mulher a vida era dura.

No escuro, Merg estranhava o peso leve seu corpo. Não era de Josh essa demora em afagos, esse fogo carinhoso. Surpresa, descobriu que seu corpo magro enfeixava nervos sensíveis ao toque, que seus mamilos entumesciam e umidade lhe escorria pelas coxas. Conheceu a onda irreprímível do desejo, e todas as nuances do prazer.

Sete noites o incubo voltou e esgotou todas as forças de Meg. Só não a matou porque o feto, em seu ventre, queria viver. Confusa, cheia de medos, Merg se recuperou aos poucos. Queria acreditar que o filho era de Josh, que suas aventuras noturnas foram inconfessáveis alucinações. Temia ter ofendido os poderosos deuses dos ritos antigos nos quais crescera, temia ter perdido a proteção do novo deus único, ao qual seu marido adorava, mas ela ainda não conhecia bem. Tinha medo sobretudo, dos sacerdotes da nova era, que assustavam com as penas do inferno, e realmente queimavam mulheres por imaginários pecados.

A esperada gravidez foi sadia e feliz, ao cabo da qual Merg pariu sem dor. O novo deus condenou Adão e seus filhos ao suor do trabalho, e Eva e suas filhas aos sofrimentos do parto. Josh trabalhava como um animal, como ela poderia parir sem dor?

O menino nasceu com dois alvos incisivos na gengiva rosada Merg ficou muito feliz, mas custou a perceber a perna esquerda, um tantinho mais curta. Castigo! O menino tinha sido concebido no pecado. As anormalidades poderiam ser interpretadas como marcas do demônio. Se bem bebês, culpa da mãe. Assustou-se ao observar que o menino mamava bem, mas crescia um mês por semana, muito mais do que as outras crianças. Escondia de todos o filho e com isso parecia muito estranha.

Em pouco tempo o menino desenvolveu tanto que não era mais um bebê, e Meg fugiu com ele para a montanha. Ninguém foi procurar. Deveria ter enlouquecido de vez. Depois de uma semana Naruê tomou o lugar de Merg na casa e na cama de Josh.

Merg sofria, definhava, envelhecia. Não era essa a maternidade que sonhara. Evitava a tentação da morte voluntária porque os suicidas, decapitados, eram condenados às penas do inferno.

Depois se alguns meses apareceram, à margem do caminho, restos de mulher. As vestes e os despojos estavam tão estragados, que nem mesmo Josh soube dizer se tinham sido de sua primeira mulher.

Mais ou menos na mesma época apareceu em Yielburg um lindo menino moreno, aparentando quinze anos, conhecedor de tão poucas palavras que não soube explicar de onde tinha vindo. Entretanto suas boas carnes mostravam que nunca havia passado fome. As mulheres encantadas, sempre rodeavam o menino, ao contrário dos homens, que o detestavam. Desconfiavam que, quando à noite abraçavam suas mulheres, era no menino que elas pensavam.

Escorraçaram-no dali a pedradas.

O tempo passou, e durante o inverno rigoroso, a jovem esposa do burgomestre entrou em trabalho de parto tão repentinamente, que não foi possível vir alguém ajudar. Quem assistiu foi o marido que, ao erguer o bebê pelos tornozelos, para que chorasse, notou horrorizado a falta completa do cordão umbilical, e a perninha mais curta. A mãe entendeu porque Merg fugira, de quem era o corpo á beira do caminho, e temeu pelo seu futuro. O burgomestre ajudou a esposa a lavar-se e a dormir, sufocou o recém-nascido com um travesseiro. Ao amanhecer divulgou que lhes nascera morto o primeiro filho, enterrado ao lado da casa porque os cemitérios não aceitavam crianças sem batismo. Estava levando a esposa para restabelecer-se na casa dos pais, em aldeia distante. A jovem mãe não sobreviveu à viagem. Naquele inverno terrível vários bebês prematuros nasceram morto. Como a esposa do burgomestre, suas mães não foram felizes. Allexia morreu de pneumonia, Railde suicidou-se, Leah teve febre puerperal, Dilze morreu de hemorragia e Corally de parada cardíaca. Só sobreviveu ao parto a pobre Fanny, quase uma menina, que ainda não tinha marido, e que, enlouquecida, passou a uivar para a lua.

Nem mesmo na época da peste negra houve tantas mortes em uma semana em Yilbug.

MEU RIO

Para J. Abílio Silveira Cosentino

Meu rio é o Piracicaba.

Ele corre preguiçoso, suas águas são sempre novas, sempre outras, renovadas. Mas o rio é eternamente o mesmo. Permanecem a suave curva, ao longe, as margens fundas que a enchente vence, e cobre, as pedras negras do salto, que a piracema enfrenta, e sobe, a pitoresca Rua do Porto, cuja imagem, em preciosa aquarela de, conservo na cabeceira da cama.

Coração nas mãos, visito o rio. Quero matar saudades e atualizar minhas melhores lembranças.

Na sombra da margem esquerda meu avô pesca os lambarzinhos que prepararei para o jantar

Do alto trampolim do Regaras, meu pai calcula o espetacular salto de anjo, terminado em mergulho impecável.

Costeando habilmente a margem direita, meu irmão Abílio vencen ovamente a competição de botes a motor.

Uma iole voa, mal toando a água. Quem rema é J . Nobre, grande amor da minha juventude

A água crespa é sempre outra, o rio é sempre o mesmo. E é meu.